

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**TATIANE DOS SANTOS CARLINI**

**O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS E A PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS DA  
ÁREA DE VISITAÇÃO DO PALÁCIO ANCHIETA**

VITÓRIA-ES

2023

TATIANE DOS SANTOS CARLINI

**O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS E A PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS DA  
ÁREA DE VISITAÇÃO DO PALÁCIO ANCHIETA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração  
Orientador: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva.

VITÓRIA

2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

C282o Carlini, Tatiane dos Santos, 1988-  
O organizar das práticas e a produção de histórias da área de visitação do Palácio Anchieta / Tatiane dos Santos Carlini. - 2023.  
80 f. : il.

Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.  
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Teoria das Práticas. 2. Estudos Organizacionais. 3. História. 4. Espaço. 5. Michel de Certeau. I. Silva, Alfredo Rodrigues Leite da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

---

TATIANE DOS SANTOS CARLINI

**O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS E A PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS DA  
ÁREA DE VISITAÇÃO DO PALÁCIO ANCHIETA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovada em 14 de março de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva  
Orientador

---

Profa. Dra. Leticia Dias Fantinel  
Membro Interno

---

Profa. Dra Alessandra de Sá Mello da Costa  
Membro Externo – PUC RIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS**



**ATA DA 298ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Às 09 horas de 14 de março de 2023, reuniu-se, por videoconferência, a banca examinadora composta pelos Professores Doutores Alfredo Rodrigues Leite da Silva (orientador), Letícia Dias Fantinel (membro interno – PPGAdm) e Alessandra de Sá Mello da Costa (membro externo – PUC/RJ) para a defesa de dissertação de **Tatiane dos Santos Carlini**, com o título: O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS E A PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS DA ÁREA DE VISITAÇÃO DO PALÁCIO ANCHIETA. Estando presentes os membros da banca e a examinanda, com a palavra, o presidente deu início à sessão, passando a palavra à aluna, que procedeu à exposição da dissertação por 30 minutos. Na sequência, os membros da banca formularam as suas arguições, as quais foram respondidas pela mestranda. Após, o orientador solicitou que os presentes deixassem a sala para que a banca pudesse deliberar; ao final das deliberações, convocou a mestranda e os demais participantes para retornarem à sala. Concluída a avaliação realizada pela banca, o presidente realizou a leitura da ata e comunicou o resultado favorável à **APROVAÇÃO** da aluna. Por fim, informou que a aprovada fará jus ao diploma de Mestra após a entrega da versão final de sua dissertação em meio digital com as correções apontadas pela banca, à secretaria do programa. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora e pela mestranda.

[assinatura digital]

**Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva**  
Orientador

[assinatura digital]

**Profª. Drª. Letícia Dias Fantinel**  
PPGADM/UFES

[assinatura digital]

**Profª. Drª. Alessandra de Sá Mello da Costa**  
PUC/RJ

[assinatura digital]

**Tatiane dos Santos Carlini**  
Mestranda



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
ALFREDO RODRIGUES LEITE DA SILVA - SIAPE 1802333  
Departamento de Administração - DAd/CCJE  
Em 14/03/2023 às 15:31

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/667758?tipoArquivo=O>




UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO


**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LETICIA DIAS FANTINEL - SIAPE 1618662  
Departamento de Administração - DAd/CCJE  
Em 14/03/2023 às 15:39

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/667770?tipoArquivo=O>

Documento assinado digitalmente  
 ALESSANDRA DE SA MELLO DA COSTA  
Data: 20/03/2023 12:18:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 TATIANE DOS SANTOS CARLINI  
Data: 21/03/2023 12:21:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de finalizar esse trabalho.

Agradeço a minha mãe pelo apoio durante todo o período, sem ela não teria forças para continuar.

Ao professor Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva que me orientou, transmitiu conhecimentos e teve muita paciência e sensibilidade durante o meu processo.

Aos mediadores e visitantes do Palácio Anchieta que contribuíram para esta pesquisa.



## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender o organizar das práticas e a produção das histórias da área de visitação do Palácio Anchieta. A pesquisa buscou compreender a resignificação dos espaços institucionais e a produção de histórias a partir da apropriação das práticas cotidianas. Para alcançar tal objetivo busquei identificar e compreender as práticas cotidianas dos participantes da organização a partir da concepção de prática de Michel de Certeau. A partir da base teórica busquei em campo identificar as práticas e histórias que se manifestam na área de visitação do Palácio Anchieta a partir da resignificação dos espaços. A imersão em campo se deu a partir da observação, que oscilou em participante e não participante, e a análise dos dados foi realizada pela análise de conteúdo que deu origem a duas categorias: 1) a resignificação do espaço a partir da apropriação das práticas; 2) o resgate do ordinário na história por meio das práticas. Os resultados apontaram para uma resignificação dos espaços e surgimento de novas histórias a partir de pequenas transgressões nas práticas cotidianas, evidenciadas a partir das disputas entre a história oficial e as histórias que surgiram a partir das práticas das interações entre os mediadores e visitantes.

**PALAVRAS-CHAVES:** Práticas Cotidianas, História, Estórias, Resignificação, Espaço, Michel de Certeau.

## **ABSTRACT**

This research aims to understand the organization of practices and the production of histories in the visiting area of the Palácio Anchieta. The research sought to understand the resignification of institutional spaces and the production of histories from the appropriation of everyday practices. To achieve this objective, I sought to identify and understand the daily practices of the organization's participants based on Michel de Certeau's conception of practice. From the theoretical basis, I searched in the field to identify the practices and histories that manifest themselves in the visitation area of the Palácio Anchieta from the resignification of spaces. Field immersion was based on observation, which ranged from participant to non-participant, and data analysis was performed using content analysis, which gave rise to two categories: 1) the redefinition of space based on the appropriation of practices; 2) the recovery of the ordinary in history through practices. The results pointed to a redefinition of spaces and the emergence of new histories from small transgressions in everyday practices, evidenced from the disputes between the official history and the stories that emerged from the practices of the holidays between the mediators and visitors.

Keywords: Everyday Practices, History, Stories, Resignification, Space, Michel de Certeau.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro1 - História Tradicional versus Nova História.....	15
Quadro 2 – Linha do Tempo EBP.....	21
Quadro 3 – Dados dos participantes.....	34

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Igreja de São Tiago e Colégio.....	41
Figura 2 - Reforma parte interna e fachada (1910/12).....	43
Figura 3 - Cores das paredes reveladas na restauração de 2004-2009.....	44
Figura 4 - Entrada principal Palácio Anchieta.....	45
Figura 5 - Lateral do Palácio Anchieta (entrada dos visitantes).....	47
Figura 6 - Parede entrada principal da área de visitação.....	49
Figura 7 - Sala de achados arqueológicos.....	53
Figura 8 – Sala do governador.....	55
Figura 9 - Treinamento mediadores.....	57
Figura 10 - Parede original do século XVI.....	59
Figura 11 - Túmulo simbólico padre José de Anchieta.....	61
Figura 12 - Galeria de Ex-Governadores.....	63
Figura 13 - �rea externa segundo piso.....	64
Figura 14 - Frente Palácio Anchieta / Dona Domingas.....	65

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 A HISTÓRIA E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS .....	14
2.2 ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM UMA PERSPECTIVA PRÁTICA .....	19
2.3 PRÁTICAS ESPACIAIS .....	26
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>32</b>
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA .....	32
3.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS .....	33
3.3 PRODUÇÃO DE DADOS .....	35
3.4 TRATAMENTO DOS DADOS.....	38
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	39
3.6 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS.....	40
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>41</b>
4.1 O PALÁCIO ANCHIETA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL.....	41
4.2 A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DAS PRÁTICAS.....	46
4.3 O RESGATE DO ORDINÁRIO NA HISTÓRIA POR MEIO DAS PRÁTICAS .....	56
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>TERMO</b>
<b>DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE .....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A compreensão da organização como uma estrutura rígida, estável e não questionável vem perdendo espaço nos Estudos Organizacionais (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), essa movimentação do campo de estudo se desenvolveu a partir do surgimento de novas lentes teóricas, que substituem a ideia de organização, um substantivo, algo estático, pela de organizar, um verbo, algo dinâmico. Dentre elas, os Estudos Baseados em Práticas (EBP) trouxeram ao campo dos estudos organizacionais a busca por compreender seus fenômenos a partir das práticas constituintes da realidade social (ORLIKOWSKI, 2010), ou seja, a organização passa a ser analisada por meio das práticas sociais.

O campo dos estudos das práticas é marcado por diferentes epistemologias (GHERARDI, 2006), mas que convergem quanto à compreensão das práticas como base do fenômeno social, pois ele acontece a partir das práticas, ao mesmo tempo em que os fenômenos sociais são transformadores das práticas (SCHATZKI, 2001a). Dentre essas epistemologias, os estudos de Michel de Certeau se destacam por sua importante contribuição ao campo, abordando as práticas e as artes de fazer do cotidiano (LEITE, 2010).

Certeau (1998) desenvolve seus estudos centrado na compreensão do indivíduo comum e suas formas de se apropriar e (re) significar os espaços, normas, objetos e linguagens. Sua obra *A Invenção do Cotidiano* (CERTEAU, 1998) é um convite para compreender as relações sociais a partir do “homem ordinário” por suas “maneiras de fazer” do cotidiano que (re) constroem sistemas organizativos. Segundo o autor, o cotidiano é constituído e construído pelas “maneiras de fazer” do homem comum, caracterizado por suas experiências, práticas e histórias contadas diariamente.

Certeau (1998) aborda as práticas como flexíveis, por meio de seu caráter provisório e adaptativo, (re)significando o espaço e sendo transformadas por ele, sendo as práticas do tipo táticas e estratégicas. O autor trata em seus estudos do homem comum, “ordinário”, que se utiliza das práticas táticas em seus micromovimentos de resistência do cotidiano, como forma de burlar as práticas estratégicas impostas pelos lugares de poder privilegiados.

As estratégias e táticas, em constante movimento, são constituídas de elementos do passado que rompem paradigmas e normas de maneira a (re)significar e recriar

histórias do cotidiano (CERTEAU, 1998). No cenário de um museu, a forma como a história institucional é contada pelos mediadores culturais (guias) e como os visitantes se apropriam dela, por meio das interações com o espaço e entre os participantes, fazem emergir novas práticas táticas, que são pequenos movimentos de reconstrução e reapropriação das histórias que emergem destas interações, subvertendo a história institucional, a “história oficial”.

As estratégias e táticas abordadas por Certeau (1998), por meio das atividades cotidianas, foram empregadas em diversas pesquisas no campo dos Estudos Organizacionais, direcionando o olhar para os indivíduos esquecidos na Administração, e esses estudos abordam diferentes temas, tais como a transformação dos espaços urbanos (FRANCO; OLIVEIRA, 2016), a estética espacial urbana (IPIRANGA, 2016), as práticas de consumo (GUARNIERI; VIEIRA, 2020) e a gestão ordinária (CORREIA; CARRIERI, 2019).

Apesar do aumento gradativo do interesse em agregar questões de tempo, memória e história em novas perspectivas da pesquisa nos estudos organizacionais, existem algumas lacunas (CORAIOLA et. al, 2021). Segundo os autores, uma dessas lacunas é a quantidade, ainda restrita, de publicações de estudos que relacionam organização e história no Brasil, destacando as realidades locais.

Com foco nas perspectivas das práticas cotidianas de Certeau (1998) a utilização da história, associada ao cotidiano, surge como forma de enriquecer os debates em Administração (BARROS; CARRIERI, 2015). A perspectiva histórica nos Estudos Organizacionais nos possibilita questionar a retórica cientificista (CLARK; ROWLINSON, 2004) e, também traz novos olhares sobre como as organizações criam e praticam seus valores (WILSON; TILBA, 2023). Dessa forma abordar a História nos Estudos Organizacionais, a partir da perspectiva de Certeau, abrem novos caminhos que buscam compreender os fenômenos organizacionais a partir do cotidiano dos praticantes, trazendo novas visões sobre o passado e como ele é reapropriado no cotidiano organizacional.

Na área de visitação do Palácio Anchieta é possível identificar e compreender a reapropriação do passado, a partir das interações entre mediadores e visitantes, quando os mediadores utilizam elementos da “história oficial” para trazer novas histórias e enaltecer sujeitos marginalizados, esquecidos pela “história oficial”.

Compreender uma organização requer, também, conhecer sua história, seu passado e como seus acontecimentos influenciam no seu organizar, na sua forma de atuar (COSTA; SILVA, 2019). Sendo possível, tal compreensão, a partir da análise histórica nos estudos organizacionais, conforme Costa e Silva (2019), a análise histórica torna-se uma ferramenta fundamental de crítica ao determinismo nos fenômenos organizacionais.

Diante da conjuntura, com o intuito de ampliar os estudos sobre práticas e História no fazer cotidiano de uma organização, decidi estudar a área de visitação do Palácio Anchieta. Tal decisão foi influenciada pela minha história acadêmica, graduada em História e cursando mestrado em Administração é uma forma de entrelaçar o conhecimento e estudos das duas áreas.

O Palácio Anchieta atualmente é sede executiva do governo do estado do Espírito Santo, está localizado na capital, cidade de Vitória, em frente ao Porto de Vitória na entrada do bairro Cidade Alta (GOVERNO ES - PALÁCIO ANCHIETA, [s.d.]). Além de sede do governo, o Palácio Anchieta também é uma área de visitação aberta ao público, sendo possível conhecer a história do Palácio contada pelos mediadores culturais (GOVERNO ES - PALÁCIO ANCHIETA, [s.d.]), que levam os visitantes pelo interior do Palácio e aos finais de semana a área de visitação inclui o gabinete do governador.

A partir das contribuições de Michel de Certeau nos estudos das práticas como transformadoras do espaço social, optou-se por estudar como as práticas cotidianas de uma organização se relacionam com as histórias e (re) significam os espaços a partir dos indivíduos que participam dela. Desta forma, o objetivo deste estudo é **compreender as relações entre o organizar das práticas e a produção das histórias na área de visitação do Palácio Anchieta.**

Para que seja possível alcançar o objetivo geral deste estudo foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as práticas e histórias dos espaços na área de visitação do Palácio Anchieta;**
- b) Identificar as histórias que os visitantes e os mediadores manifestam sobre e na prática dos espaços da área de visitação do Palácio Anchieta.**



Tais objetivos foram definidos com o intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: **Como o organizar das práticas e a produção das histórias se relacionam na área de visitação do Palácio Anchieta?**

Tendo em vista o interesse em analisar as relações de práticas e a história, a escolha do Palácio Anchieta como locus de pesquisa surgiu por ser uma organização que tem como princípio a mudança nas percepções de seus espaços. Ora o espaço conta sua própria história, por intermédio da visitação guiada, que se entrelaça com a história da cidade de Vitória, ora o espaço conta outras histórias ao receber exposições itinerantes. Há também a mudança de percepção espacial nas visitas que ocorrem durante a semana para as que acontecem aos finais de semana. As visitas aos finais de semana têm o espaço ampliado ao incluir a área destinada ao trabalho do governador, emergindo novas abordagens e percepções do espaço. Com isso, podemos perceber que as visitas que ocorrem durante a semana têm como ponto central a história do padre José de Anchieta e as transformações que o prédio sofreu ao longo do tempo. Já as visitas aos finais de semana trazem uma reconfiguração do espaço e o foco migra para as atividades atuais do governador, ficando em segundo plano a arquitetura do prédio e a história do padre José de Anchieta.

Ao adotar o aporte teórico das práticas como pertinente para analisar as relações sociais a partir das práticas cotidianas como transformadoras (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2005), a pesquisa qualitativa torna-se fundamental para compreender a pluralidade das práticas cotidianas por meio das “artes de fazer” (CERTEAU, 1998). Para compreender as relações das práticas do Palácio Anchieta, foi escolhida a técnica de observação, que oscilou em participante e não-participante, que implicou em observar e interagir com os praticantes de perto. Para análise dos dados produzidos em campo foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

A relevância deste estudo está na contribuição para o campo, em construção, que busca a aproximação de duas disciplinas distintas como os Estudos Organizacionais e a História (COSTA, WANDERLY, 2021), buscando pontos em comum a partir dos estudos do cotidiano na perspectiva de Michel de Certeau. Há também uma contribuição para a pesquisa pautada nos EBP, aprofundando uma visão de Michel de Certeau centrada na identificação das práticas e como elas ressignificam histórias e espaços organizacionais. Outro ponto é a lacuna nos EBP dos poucos estudos em organizações culturais, embora os EBP evidenciem o caráter cultural das práticas, são

poucos estudos que abordam os indivíduos e as práticas nessas organizações (FIGUEIREDO, 2016).

Em sequência é apresentada a fundamentação teórica, com o intuito de embasar as discussões propostas. A fundamentação teórica foi dividida em três tópicos: o primeiro tópico aborda a história no campo dos estudos organizacionais; o segundo aborda os estudos organizacionais em uma perspectiva prática; e o terceiro trata da teoria espacial. Em seguida, apresento as metodologias utilizadas para produção e análise dos dados de campo, imediatamente após é apresentada uma breve história do Palácio Anchieta. No quinto tópico apresento a análise dos dados e no tópico seguinte as considerações finais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A HISTÓRIA E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**

A “nova história”, a partir da Escola dos Annales, trouxe para o campo de estudos novos olhares e uma quebra de paradigma da história tradicional, abordando a história a partir das estruturas sociais (BURKE,1992). Grande parte das mudanças experimentadas a partir do século XX é resultado de um grupo de pesquisadores que se associaram à revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale* (Anais de História Econômica e Social), criada em 1929, em Estrasburgo (BAUER; OLIVEIRA, 2019).

Os fundadores da revista, Marc Bloch e Lucien Febvre, buscaram reunir estudos de pesquisadores que, assim como eles, se dedicassem às dimensões sociais da história (BAUER; OLIVEIRA, 2019). Mais tarde esse grupo ficou conhecido como Escola dos Annales e teve grande influência na construção da “nova história”.

Marc Bloch, da primeira geração dos Analles, teve grande contribuição para a construção de uma nova História Política e Social, uma história não mais concentrada na descrição de eventos, mas sim nas formas de como se concebia o poder a partir das práticas e representações coletivas (BARROS, 2010).

De acordo com o paradigma tradicional a história é essencialmente política, relacionada ao Estado, excluindo qualquer tipo de regionalismo (BURKE, 1992).

Enquanto a nova história passou a se ocupar de toda atividade humana, todas as coisas têm algo a contar.

Outro ponto que a nova história deixa de lado, em oposição à história tradicional, é a história dos heróis, dos grandes acontecimentos. A história tradicional sempre se preocupou em ocupar-se dos “grandes homens”, estadistas, generais e até mesmo eclesiásticos (BLOCH,2001). A base da nova história é de que toda realidade é social ou pode ser culturalmente constituída, daí surgem novas possibilidades no campo histórico, possibilitando a articulação com outras áreas de estudos.

A superação da história positivista, centralizada na Europa e nas grandes nações, e o surgimento de uma “nova história” permitiu que os estudos e as fontes históricas fossem ampliados. O documento oficial, que antes era tido como fonte histórica irrefutável, deixa de ser elemento central na pesquisa historiográfica (BURKE, 1992; FOUCAULT, 2007) e a história ganha inúmeras possibilidades a partir da micro-história e da história do cotidiano.

#### **Quadro 1 - História Tradicional *versus* Nova História**

<b>História Tradicional</b>	<b>Nova História</b>
A história diz respeito essencialmente à política, não há espaço para outros tipos de história.	A história diz respeito à toda atividade humana, baseada em uma realidade social ou culturalmente constituída.
A história como uma narrativa dos acontecimentos.	A história como análise das estruturas.
Concentrada nos grandes acontecimentos de estadistas, generais ou eclesiásticos.	Concentrada na história das pessoas comuns, como as experiências das mudanças sociais.
Baseada em documentos oficiais, escritos.	Ampliação das fontes históricas, surgem diversas evidências e novas abordagens metodológicas.
Preocupa-se com as ações individuais.	Preocupa-se com movimentos coletivos, ações individuais, tendências e acontecimentos.
A história é objetiva, cabe ao historiador apresentar os fatos de forma imparcial.	O relativismo cultural se aplica à escrita e aos objetos da história.

**Fonte:** Adaptado a partir de Burke (1992).

Essa nova reflexão no campo da historiografia nos leva a pensar que não há mais uma História e sim a existência de várias histórias, torna-se impossível a ideia de uma teoria global nos estudos históricos, uma vez que o conhecimento se transforma em processo de resignificação e possibilita novas interpretações (CARDOSO, 1997).

Para além das correntes teóricas da historiografia, tradicionais e da Nova História, o historiador francês Michel de Certeau articula o “fazer história” por uma construção do discurso narrativo por meios de práticas dos outros, de um ausente, do ordinário como objeto da história (MIRANDA JUNIOR, 2019). Certeau, ao romper com a historiografia tradicional, ressalta que a história deve se ocupar das maneiras como as pessoas comuns fazem uso das normas e convenções sociais que lhe são impostas por uma hierarquia social e econômica (CAMARA JUNIOR, 2020).

Para Certeau (1982), a História é uma produção de discurso sobre o real e não a realidade vivida. Ao analisar a História desta forma, o autor toma que o historiador não retoma um fato histórico (o que já foi vivido), não há como recuperar a essência do que já passou, o ofício do historiador é construir a historiografia. Nesta perspectiva, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita” (CERTEAU, 1982, p.56).

Da mesma forma como o cotidiano foi introduzido nos estudos históricos, ele também passou a ser utilizado em diversas outras áreas do saber, entre elas a Administração (BARROS; CARRIERI, 2015). Os estudos sobre o cotidiano passaram a valorizar as ações dos indivíduos, questionando como o homem comum adota e negocia os papéis sociais predeterminados por instâncias estruturais (GUARINELLO, 2004), tornando possível analisar como as estruturas sociais, organizações como Estado, sociedade, instituições de ensino interferem na realidade e na constituição da vida cotidiana dos indivíduos. Assim como, também, propicia investigar como as “estratégias” e “táticas” (Certeau, 1998, p.46.) adotadas no cotidiano dos indivíduos influenciam e reconstróem histórias.

Carlo Ginzburg (1987), historiador, em seus estudos de micro-história, também ressalta a importância do cotidiano, do homem comum, que é exemplificado em sua

obra *O Queijo e o Vermes*, ao qual conta a história de um moleiro do século XVI que foi julgado e queimado por ordem do Santo Ofício.

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessaram pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. “Quem construiu Tebas das sete portas?” – perguntava o “leitor operário” de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso (GINZBURG, 2017, p.15).

O estudo do cotidiano, tanto na História quanto na Administração, nos possibilita analisar e compreender os fenômenos sociais a partir de um novo olhar, a partir da percepção do homem comum, do “ordinário” (CERTEAU, 1998) e de como as estruturas sociais são restruturadas e ressignificadas na vida cotidiana (GUARINELLO, 2004). Desta forma, temos o surgimento de uma História multifacetada, e que abre novos caminhos, permitindo sua introdução em diferentes áreas do saber, como nos Estudos Organizacionais.

Apesar de ainda não haver um expressivo número de pesquisas nos EOs que adotem a perspectiva histórica, nota-se que o campo vem gerando interesse em alguns pesquisadores, nos Estados Unidos há uma divisão de *Management History* nas universidades e na Europa o tema é abordado em alguns periódicos, como o *Management and Organizational History* (VIZEU, 2010). No Brasil a pesquisa histórica nos Estudos Organizacionais iniciou de forma pontual, o objetivo era identificar e analisar as especificidades do Brasil por meio da análise histórica e de suas organizações e práticas sociais (COSTA; WANDERLEY, 2021).

A partir dos anos 2000, de forma mais contundente, ocorreu uma demanda crescente por uma perspectiva histórica nos estudos organizacionais, consolidada a partir da virada histórica nos estudos organizacionais (CLARK; ROWLINSON, 2004; COSTA; WANDERLEY, 2021).

A virada histórica nos estudos organizacionais trouxe para o campo o questionamento ao universalismo, o qual aborda uma visão de que a teoria da organização contemporânea se aplica a fenômenos organizacionais em todas as sociedades e em todos os momentos (BOOTH; ROWLINSON, 2006). Esta virada foi uma reação ao caráter a-histórico que se desenvolveu na Administração enquanto ciência na metade

do século XX (WEATHERBEE et al., 2012), o que tornava distante qualquer ligação com a História.

Mas o que viria a ser História? Há uma ambiguidade no nome e, também divergências entre historiadores e pesquisadores. Aqui tomaremos a História como os eventos (o fato em si) passados, assim como as narrativas que construímos sobre estes eventos. Segundo Down (2001), aquilo que é contado coloniza o passado, de forma, que não há um passado real, mas sim uma construção social, tornando a História uma prática social constitutiva (WEATHERBEE et al., 2012).

O apelo por mais História, ou por diferentes abordagens da História, nos estudos organizacionais implica em uma nova perspectiva do passado como processo e contexto, e não apenas como uma variável (CLARK; ROWLINSON, 2004). O apelo por mais História nos Estudos Organizacionais traz consigo o dualismo do termo História, o retorno ao debate historiográfico.

Com isso, dizer que a história importa nos Estudos Organizacionais, geralmente, significa que as ações humanas passadas são significativas, igualmente pode-se dizer que o passado é conhecido ou representado através das pesquisas e da historiografia organizacional (ROWLINSON; HASSARD; DECKER, 2014), influenciando no tempo presente das organizações, como as narrativas que são reconstruídas retomando a história organizacional, escrevendo novas histórias a partir destas narrativas e das práticas cotidianas.

Diante das inúmeras possibilidades, desde a virada histórica nos Estudos Organizacionais, pode-se identificar, de forma mais recorrente, estudos e publicações que utilizam a perspectiva histórica. Com a contribuição de vários pesquisadores, entre eles: Barros e Carrieri (2015), com a discussão de possíveis contribuições de estudos que aproximam o campo de estudos em história e Administração a partir do cotidiano; Coraiola, Barros, Maclean e Foster (2021), trazendo um mapeamento dos esforços iniciais do desenvolvimento dos estudos organizacionais em questões de história, memória e passado; Costa e Wanderley (2021), também, apresentam a trajetória da incorporação da história, memória e passado nas pesquisas de estudos organizacionais e; Oliveira, Pereira, Carrieri e Correia (2021), que resgatam histórias

e memórias da instituição Casa de Referência da Mulher Tina Martins para apresentar seu processo de criação a partir do cotidiano do grupo.

Os estudos acima têm em comum a abordagem da interdisciplinaridade dos estudos históricos nos estudos organizacionais, sinalizando para o uso do cotidiano como elo das discussões. Esse movimento mobiliza o foco dos estudos para o homem comum, para os acontecimentos menores, das práticas e saberes produzidos pelos sujeitos, desconsiderados na construção do conhecimento (BARROS; CARRIERI, 2015; OLIVEIRA et al., 2021).

Esta pesquisa, assim como as citadas acima, também se utilizou do cotidiano como forma de conectar os estudos históricos aos estudos organizacionais. Tal apropriação do cotidiano foi realizada a partir da perspectiva das práticas e dos estudos cotidianos de Michel de Certeau, discussão realizada na próxima seção.

## 2.2 ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM UMA PERSPECTIVA PRÁTICA

A 'virada interpretativa' da década de 1970 das 'teorias da prática' ou 'teorias das práticas sociais' tornou-se uma alternativa conceitual atrativa para os insatisfeitos com as teorias clássicas modernas. Os conceitos de prática e atividade passaram a atrair acadêmicos e profissionais que trabalham com aprendizagem e conhecimento em ambientes organizacionais. A partir desse interesse na prática, pesquisadores começaram a explorar, em seus estudos, as implicações e a noção de que o conhecimento e a aprendizagem são fenômenos sociais e culturais (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

Os estudos organizacionais por uma perspectiva prática compreendem a produção das estruturas sociais a partir da natureza situada e recorrente da atividade cotidiana (ORLIKOWSKI, 2010). Segundo a autora, a compreensão dos fenômenos organizacionais, a partir dessa concepção de prática, adquiriu fundamento conceitual específico que ficou conhecido como teorias da prática aplicada nos chamados Estudos Baseados em Práticas (EBP).

Segundo Reckwitz (2002), as 'práticas' no sentido das teorias das práticas sociais são um comportamento rotinizado com vários elementos interligados entre si: formas que as atividades corporais e mentais são exercidas, como as coisas são utilizadas e

compreendidas, estados de emoção e conhecimento. O autor revela que uma prática – cozinhar, jogar futebol, trabalhar, entre outros – forma-se a partir da conexão desses elementos, das trocas existentes das relações sociais e representam padrões.

Ao aprofundarmos os EBP entende-se que as atividades cotidianas são unidades de análises que constituem os modos de fazer, denotando como as interações acontecem entre os indivíduos e indivíduos e objetos. Nos estudos organizacionais significa analisar e compreender como a interação dos indivíduos com e na organização fazem emergir símbolos e reconstruem o espaço organizacional. As práticas, em seus espaços de significação, constituem o local do social, todas as relações sociais são parte dessas práticas (SCHATZKI, 2005). As organizações, como qualquer outro fenômeno social, são um conjunto de práticas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2005) que ressignificam, por meio das ações organizadas, as relações sociais.

O surgimento desses novos olhares científicos nos estudos organizacionais, a partir dos EBP, refletem diversas correntes e influências teóricas anteriores e de grande complexidade. Apesar das diversas correntes e da diversidade na abordagem da prática, há certa convergência entre os estudiosos de que fenômenos como conhecimento, atividade humana, significado, ciência, poder, linguagem, organizações sociais e mudanças históricas ocorrem dentro das práticas e também moldam as práticas, sendo compreendidas por meio das práticas humanas interligadas (SCHATZKI, 2001a).

A diversidade das abordagens das práticas inspirou reflexões teóricas em vários campos de estudos, com domínios tão diversos como a teoria social e cultural, o que contribuiu significativamente para a compreensão da vida social contemporânea e da atividade humana, suas subjetividades, racionalidade humana e seus significados (PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018; CORSINI et al., 2019).

Corradi, Gherardi e Verzeloni (2010), permitem compreender parte dessa diversidade quando trazem uma linha do tempo dos EBP com o intuito de demonstrar a evolução a partir das diversas definições do campo, separando em duas linhas: prática como 'objeto empírico' e prática como 'uma forma de ver'.



## Quadro 2 – Linha do Tempo EBP

### Linha 1 : Prática como objeto empírico

<p><b>Os estudiosos investigam as atividades dos praticantes ou o processo dentro da prática (CORRADI; GHERARDI; VERZELONNI, 2010)</b></p>	<p><b>1 – Prática baseada em ponto de vista:</b> a prática se refere às atividades realizadas pelos indivíduos e seus grupos, de acordo com o contexto organizacional.</p> <p><b>2 – Aprendizagem baseada em trabalho e aprendizagem baseado em prática:</b> os praticantes precisam conectar conhecimento explícito e tácito e teoria e prática. O saber é dependente do contexto.</p> <p><b>3 – Prática ‘como as pessoas fazem’:</b> perspectiva da prática gerencial, fazer estratégia.</p>
--	--

### Linha 2 : Prática como uma forma de ver

<p><b>Os estudiosos adotam a metáfora da visão como uma lente para compreender o raciocínio prático e sua natureza circunstancial nas organizações (CORRADI; GHERARDI; VERZELONNI, 2010)</b></p>	<p><b>1 - Lente prática e pesquisa orientada para a prática:</b> análise das práticas sociais a partir do uso contínuo de tecnologias nas organizações. Interação dos praticantes com uma tecnologia.</p> <p><b>2 – Conhecimento na prática:</b> uma perspectiva que destaca o papel da ação humana como essencial, no ato de saber fazer as coisas na organização. O conhecimento é uma realização social contínua, constituída e reconstituída a todo momento na prática.</p> <p><b>3 – Perspectiva baseada em prática:</b> localiza a dimensão da prática no contexto em que ela é realizada. Seu ponto central é o reconhecimento dos contextos sociais, históricos e estruturais em que acontecem a ação.</p> <p><b>4 – Abordagens baseada em prática:</b> explora como os indivíduos constroem sua competência na prática. O conhecimento é estruturado na prática pela relação objeto (artefatos) e fins (produto da manipulação dos artefatos).</p>
--	---

**Fonte:** Adaptado a partir de Corradi, Gherardi e Verzenlonni (2010, p. 269).

O termo “prática” abarca uma pluralidade de campos semânticos, esse aspecto traz uma vantagem de que “prática” é um termo maleável que pode ser utilizado de várias formas e empregado para denominar diversos aspectos de fenômenos da realidade em estudo (GHERARDI, 2009). Segundo a autora, o grande desafio dos EBP nos estudos organizacionais é determinar se é possível considerar os diversos aspectos da prática em sua ocorrência e temporalidade.

Na tentativa de superar tal desafio diversos autores buscam estabelecer pilares teóricos nos EBP. Segundo Gherardi (2009), a superação desse desafio traria teorização e metodologia rigorosas ao campo dos estudos organizacionais.

A identificação desse desafio, segundo Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), com autores que exploram a noção de prática em sua essência filosófica, baseando-se em três principais raízes culturais: na obra de Marx, na fenomenologia e interacionismo simbólico e no legado de Wittgenstein.

Segundo os autores, o legado de Marx para os estudos da prática é seu rompimento com as tradições racionalistas ocidentais e a legitimação da atividade real (o cotidiano), por uma visão crítica, como objeto de estudo nas ciências sociais. A prática passa a ser analisada tanto como a nossa produção do mundo quanto resultado desse processo, é um produto das condições históricas específicas resultantes de práticas anteriores e transformadas pelas práticas atuais (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

As ações cotidianas, como produto das condições históricas, nos permitem compreender, por meio do fenômeno social, como as práticas existentes e as práticas resultantes das atuais produzem e ressignificam a história. São esses fazeres cotidianos que permitem ao pesquisador compreender o contexto específico das práticas (BARROS; CARRIERI, 2015), como elas ressignificam o cotidiano organizacional e suas histórias.

As práticas cotidianas são geradas historicamente (MUTCH, 2018), o “fazer história’ é uma prática” (Certeau, 1982, p.78). A história, assim como as práticas, aponta para as particularidades da vida social, representam respostas as características que os seres humanos encontram como consequência de suas relações corporificadas entre si e com o mundo natural (MUTCH, 2018).

A segunda tradição, a fenomenologia aborda o cotidiano organizacional, as atividades, aprendizagem, inovação, comunicação, resolução de conflitos, sua interpretação e história como parte da prática, essência da existência humana (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003). O conceito de prática mostra a compreensão do indivíduo em situações inesperadas como pré-reflexivo e não faz distinções entre sujeito, objeto, pensamento ou contexto (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

O interacionismo simbólico acrescenta à fenomenologia uma dimensão social e interacional, aborda a ideia de que o ser humano age a partir dos significados que as coisas têm para ele. Esses sentidos surgem a partir da interação dos indivíduos por meio de práticas de linguagens e um negociar de significados no campo simbólico (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

Uma terceira tradição abordada pelos autores, que contribui para as práticas, é o legado de Wittgenstein que foca na relação entre prática, linguagem e seus significados por meio do jogo linguístico. Esse jogo linguístico consiste em ser capaz de dominar as regras e usá-las, o ato da fala é uma unidade de linguagem e ação (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

As ações estão inseridas nas práticas, assim como os indivíduos são constituídos nelas. E, a linguagem como uma atividade discursiva é, portanto, um fenômeno da prática (SCHATZKI, 2001a).

Apesar das diferentes formas de abordagens entre os autores dos EBP é possível observar uma convergência quanto ao distanciamento do termo “prática” em seu uso corriqueiro, como rotina. Ao abandonarmos o uso corriqueiro do termo “prática”, podemos verificar que os estudiosos dos EBP convergem para um interesse comum de compreender a prática a partir da produção e reprodução do conhecimento (GHERARDI, 2009).

A dificuldade em ter uma definição única da “prática” não ocorre apenas pela polissemia do termo, mas também pelos vários posicionamentos epistêmicos de diversos pesquisadores do campo dos EBP (GHERARDI, 2009). Essa polissemia do termo “prática” é reflexo das diferentes correntes teóricas que os estudiosos dos EBP estão inseridos.

Gherardi (2006), define prática, com base nas tradições fenomenológicas e etnometodológicas, como uma forma estável no tempo e socialmente conhecida de organizar itens heterogêneos em um conjunto coerente. De acordo com a autora, seguindo essa definição, é possível especificar quatro elementos da prática: seu aspecto qualitativo, sua relação com a temporalidade, seu reconhecimento social e sua forma de organizar o mundo.

Segundo Schatzki (2001b), a prática social nos EBP considera que as ações dos indivíduos são concebidas pelas práticas, sendo que o social é o local ou contexto no

qual as práticas são incorporadas e organizadas em torno de um conhecimento compartilhado, como arranjos de pessoas e artefatos que coexistem e compõem a prática. Conforme Duarte e Alcadipani (2016), Schatzki compreende o social como um campo onde as práticas são incorporadas de forma ordenada por meio da percepção prática compartilhada.

A partir da concepção de Schatzki (2001b, 2005), a organização deixa de ser analisada apenas como estrutura rígida e passa a ser vista como um fenômeno social, composto por práticas, sendo um produto das ações que envolvem as práticas. Com isso, o organizar, enquanto um verbo, algo dinâmico, torna-se uma alternativa para estudar as organizações e suas diversidades, contribuindo para novas reflexões nos estudos organizacionais (DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

Para além das correntes teóricas descritas temos a contribuição de Michel de Certeau, que aborda as práticas a partir de sua dimensão política no cotidiano, referindo-se às ações, apesar das normas sociais vigentes, como transgressoras dos processos de organização social ao qual o indivíduo está inserido (CERTEAU, 1998). Certeau (1998), analisa as práticas pelo cotidiano dos sujeitos ordinários, a partir das interações com o espaço social.

De acordo com Orlikowski (2010), Certeau está entre os autores que abordam a prática como perspectiva, estudando e dando ênfase ao caráter vivido do mundo cotidiano, a atividade cotidiana torna-se objeto de análise. Segundo a autora, uma perspectiva prática chama a atenção para a rotina e é por meio da natureza recorrente das atividades cotidianas que as estruturas são produzidas ou alteradas ao longo do tempo. Essa abordagem traz para os EBP a discussão de como as práticas são constituídas e também constituem a realidade social, tornando possível compreender como surgem os fenômenos organizacionais a partir das interações.

A teoria Certeuniana compreende as práticas analisando o cotidiano do indivíduo comum, por meio de suas interações com o espaço vivido. Certeau (1998), compreende o espaço vivido como um lugar praticado, caracterizando-se por meio das ações realizadas nele. Dessa forma, o autor articula práticas e espaço social, abordando práticas e espaço de forma interligada, um transformando e (re) construindo o outro.

A partir de Certeau (1998), é possível estudar as maneiras de fazer do sujeito, e como essas maneiras se organizam e são construídas no cotidiano por meio da “narrativização das práticas”, um fazer textual, com seus métodos e táticas próprios. Para o autor a “narrativização das práticas” é “uma arte de dizer”, é a forma como o homem ordinário se apropria da realidade, reivindicando uma nova história a partir das ações do cotidiano. A História não deixa de existir ou é colocada à prova, ela passa a ter novos nuances e sentidos a partir das narrativas do cotidiano e do espaço vivido pelo sujeito, é a junção da História com a história (narrativas, relatos).

Neste estudo optou-se por abordar as práticas a partir da teoria Certeuniana, visto que se propõe analisar as atividades cotidianas de diferentes sujeitos que ao mesmo tempo produzem e são produzidas a partir de suas práticas, assim localizando as práticas no centro da compreensão das histórias do espaço de visitação do Palácio Anchieta e como elas são ressignificadas a partir das práticas do espaço. Portanto, faz-se necessário explorar e compreender os estudos espaciais nas organizações a partir das práticas sociais, assim como Certeau (1998) realizou em seus estudos sobre cotidiano, relacionando e condicionando as práticas ao espaço ou ao lugar praticado e como essas práticas espaciais ressignificam e se apropriam da história, surgindo novas práticas desse processo de ressignificação no espaço Palácio Anchieta.

Para Certeau (1982), a história é uma operação, ou seja, que ela deve ser compreendida como uma relação entre um lugar, procedimentos de análise e a construção de um texto. Com isso o autor ressalta que:

Encarar a história como uma operação [...] é admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas [...] e de uma escrita (CERTEAU, 1982, p.66).

A escolha da abordagem Certeuniana justifica-se pela forma como o autor observa o indivíduo ordinário, a partir de suas interações de forma situada, sendo o espaço e as maneiras de praticar o espaço elementos fundamentais na constituição de suas maneiras de fazer, nas narrativas cotidianas. A partir de Certeau (1998), a construção social do espaço pelas práticas e como estas refletem as interações entre o espaço ou lugar praticado possibilitam o estudo dos fenômenos organizacionais e suas transformações. Desta forma, cabe também uma análise do espaço e suas transformações no ambiente organizacional.

## 2.3 PRÁTICAS ESPACIAIS

O espaço organizacional, dentro dos estudos sociais em geral, tem sido examinado por diversos ângulos, o que têm resultado em novas abordagens e discussões sobre uma variedade de fenômenos organizacionais (WEINFURTNER; SEIDL, 2019). Segundo os autores, apesar da diversidade de abordagens e o interesse no campo, a literatura é altamente fragmentada, o que dificulta a incorporação de conceitos já utilizados às novas descobertas, gerando um campo altamente fragmentado e com baixa referência cruzada.

Apesar da característica marcante da fragmentação na pesquisa sobre espaço organizacional, uma das teorias espaciais mais citadas é a teoria de produção espacial desenvolvida pelo sociólogo marxista Henri Lefebvre (WEINFURTNER; SEIDL, 2019). De acordo com os autores, a partir de Lefebvre o espaço deixou de ser analisado como um ambiente passivo e neutro e passou a ser estudado como um processo social em que é produto social e também produz relações sociais. De alguma forma o espaço molda a identidade do indivíduo, estruturando as relações sociais e o seu ordenamento (CHANLAT, 2009)

O espaço organizacional, com suas normas e símbolos e com suas particularidades é fundamental nas ações humanas, uma vez que estrutura as interações sociais e está ligado a outros espaços que incorpora ou que o envolvem. Mesmo com suas próprias normas e formas de interação, o ambiente organizacional está submetido a exigências de espaços mais amplos, como a sociedade e o mundo (CHANLAT, 2009).

Segundo Lefebvre (1991), espaço não deve ser compreendido como mero receptáculo passivo, um ambiente inerte no qual as ações são realizadas. O autor ressalta a complexidade do espaço a partir da identificação de diversos aspectos que o compõem, sendo percebido como dinâmico e constituído de significados moldados com base na singularidade de cada indivíduo. Seguindo a perspectiva do autor, o espaço seria, portanto, resultado da interação, produzido pela ação social.

A tríade espacial concebida por Lefebvre (1991) definiu os três aspectos principais da produção social do espaço, sendo elas: a prática espacial, as representações do espaço e os espaços representacionais, que correspondem, respectivamente, aos espaços percebido; concebido; e vivido. Trata-se de três dimensões interconectadas que permeiam o processo de produção do espaço. A produção do espaço é

constituída por processos complexos que vão além da concepção, abrangendo também aspectos relacionados a habitar e praticar o espaço (LEFEBVRE, 1991).

Enquanto Lefebvre (1991) compreende o espaço a partir destes três aspectos, Certeau (1998), concebe o espaço como fruto das relações sociais, constituído nas práticas cotidianas, ou seja, é um “lugar praticado”. Os autores divergem em alguns pontos, já que para Lefebvre (1991) o sujeito está destinado a alienação devido às dominações as quais é submetido nas relações sociais, enquanto Certeau (1998) destaca as transgressões da ordem estabelecida a partir das táticas, as maneiras de fazer do homem comum.

Apesar dessa e de outras divergências é possível identificar pontos de convergência entre os autores, como, por exemplo, a produção do espaço a partir das experiências vividas, das práticas cotidianas.

Segundo Gamalho (2016), Lefebvre fornece uma densa estrutura de análise do conceito do espaço, que permitem a articulação com as ideias de Certeau nas relações vinculadas às práticas do espaço, trazendo contribuições para as análises em pesquisas com enfoque no espaço vivido, tendo como ponto de convergência entre os autores o espaço vivido e praticado. Ponto que se aproxima do objetivo deste estudo, que investiga as práticas espaciais a partir das ações dos praticantes.

A teoria Certeuniana compreende o espaço como o “cruzamento de móveis”, um lugar praticado (CERTEAU, 1998, p. 202) que se caracteriza por meio das ações realizadas nele pelos indivíduos. Entende-se que as ações são responsáveis por promover o movimento que pratica o lugar, fazendo com que este seja configurado como espaço (FERNANDES; MACHADO; SILVA, 2016). Neste sentido, entende-se que o espaço passa por transformações ao longo do tempo, de modo a acompanhar novos processos a medida em que sofre inferências materiais e humanas.

Esses movimentos que permitem a prática do lugar, configurando o espaço, Certeau (1998) denomina de bricolagem, que é a junção de diferentes elementos das práticas táticas e estratégias dando origem uma nova prática tática que permite transgredir a ordem estabelecida. Esses movimentos ocorrem apenas em microssituações sociais que envolvem interesses específicos, diferentes dos que foram legitimados nas estratégias (MACHADO; FERNANDES; SILVA, 2016).

Dentre as práticas que promovem esta dinâmica na teoria certeuniana, estão as práticas de relato, que “[...] efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 1998, p. 203). Além de atuar nesta dinâmica enquanto uma conectora das práticas espaciais, os relatos constituem-se como uma prática que é multidimensional e performativa em si (AZEVEDO, 2019).

Dentre tais dimensões, está a dimensão narrativa, contextualizando tal prática como um processo que “[...] enquanto narra, pratica” (AZEVEDO, 2019, p. 14). A partir disso, compreende-se a prática do espaço não apenas como dinâmica por si, mas também sendo composta de uma dimensão narrativa que performa o espaço praticado.

Quanto a esta dimensão narrativa, que também é constituinte do espaço, Schatzki (2001b), expõe que as ações dos indivíduos se organizam por meio de uma compreensão da prática, ou seja, do que faz sentido para as pessoas fazerem em um determinado contexto espaço-temporal. Tomando como exemplo um espaço de visitação, ora utilizado para narrar sua própria história, ora utilizado para narrar outras histórias, por meio de exposições temporárias, nota-se que os significados e interpretações atribuídos ao espaço serão variáveis, bem como a forma que o espaço será praticado e as memórias relacionadas e vivenciadas serão experienciadas de formas distintas. As narrativas têm, portanto, uma natureza temporal e fluida (ROPO; HÖYKINPURO, 2017), de forma que aquelas relacionadas aos espaços podem vir a ser alteradas dependendo da época, do contexto e por quem são relatadas.

Em Best e Hindmarsh (2019) essa dinâmica é reconhecida na busca por compreender a organização e as práticas espaciais incorporadas focando, em especial, na produção social do espaço. A partir da análise do trabalho de guias turísticos de museus e do comportamento do público visitante, os autores destacaram as formas pelas quais as pessoas constituem e atribuem interpretações e significados ao espaço em que estão inseridas.

O estudo dos autores demonstrou a transformação do espaço, com destaque para as mudanças de significado ocorridas nele no decorrer das visitas. Os autores ressaltam que o espaço é reconfigurado a todo momento por guias e visitantes. De acordo com Best e Hindmarsh (2019), enquanto os guias fornecem recursos que permitem aos visitantes avaliar como devem se mover no espaço, os visitantes adotam práticas



temporárias únicas que os permitem explorar os recursos arquitetônicos e materiais a fim de experienciar o passeio da melhor forma possível.

O estudo realizado por Best e Hindmarsh (2019) foi além de uma análise limitada aos aspectos físicos dos espaços. Os autores destacaram a importância do arranjo espacial, a partir das maneiras como os visitantes adotavam práticas temporárias o espaço era constituído de formas distintas.

De acordo com Certeau (1998), o relato é uma “prática do espaço” (CERTEAU, 1998, p. 200). O autor aborda que as narrativas, a partir das práticas, transformam as relações sociais dos indivíduos no espaço. Instruções de como proceder em determinado espaço é uma das formas de vivenciar o espaço e transformá-lo, antes mesmo do indivíduo estar de fato naquele espaço.

As narrativas ou relatos (Certeau, 1998), além de transformarem espaços organizacionais, são formas de ressignificar e compartilhar crenças estabelecendo novas realidades e consolidando interações sociais.

Certeau (1998) analisa as práticas cotidianas a partir do sujeito comum, do ordinário, por meio das interações sociais que se estabelecem no espaço praticado, de forma a constituir símbolos e identidades. As “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998, p. 41), estabelecem a forma como os sujeitos se relacionam com o espaço social por meio das práticas cotidianas e (re)constituem o espaço, que podem ser estabelecidas pelas práticas táticas ou estratégias.

De acordo com o autor, as práticas são constituídas pelas “maneiras de fazer” que são formas de operações e manipulações, que estão em um conjunto denominado de procedimentos e que sua delimitação é complexa. Certeau (1998), descreve as práticas táticas em oposição as práticas estratégicas e argumenta que há uma “natureza estética, ética e prática do saber fazer cotidiano” (CERTEAU, 1998, p. 147).

As práticas táticas provocam instabilidade e incerteza no cotidiano, são as maneiras de improvisação, as táticas propiciam a reapropriação dos lugares conferindo-lhes movimento, podendo ser identificadas nos espaços sociais (FRANCO; OLIVEIRA, 2016). Essas práticas são associadas com micromovimentos de resistência nas relações do cotidiano, são pequenas ações que os indivíduos comuns praticam como

forma de estabelecer um espaço, uma impressão, são formas de continuidade e permanências (CERTEAU, 1998).

Já a estratégia é objetiva e mantém sua relação com o poder que a sustenta, protegido pelo lugar próprio (CERTEAU, 1998), que nesse caso pode ser uma organização. Segundo o autor, a estratégia é sustentada pelas relações de forças que surgem a partir do isolamento de um sujeito de poder em determinado ambiente e serve de base para o controle de suas relações com outros ambientes distintos daquele ao qual está inserido.

Segundo Certeau (1998), o espaço se transforma em singularidades ao ser tratado e alterado pelas práticas cotidianas. Um mesmo espaço pode ser vivenciado e transformado de inúmeras maneiras a partir da forma como os indivíduos o praticam.

Ao examinar as práticas cotidianas, Certeau (1998) articula as experiências dos praticantes e aponta uma oposição entre lugar e espaço. Para o autor lugar é regido por regras as quais determinam como os integrantes convivem em uma relação, duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar, rege a lei do “próprio” que cada elemento é disposto lado a lado, cada um em seu lugar “próprio”.

Portanto, o lugar remete à estabilidade, cada parte integrante tem sua posição definida (CERTEAU, 1998). Já o espaço, conforme o autor, é dinâmico, resultado dos desdobramentos que ali ocorrem, é o produto das operações que o conduzem a atuar de forma versátil em divergências ou proximidades. O espaço, diferente do lugar, não tem a estabilidade do “próprio”, ele é transformado e ressignificado a partir das práticas estabelecidas pelos indivíduos, “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p.202).

Adotando a perspectiva do espaço enquanto experiência, a partir das vivências e práticas estabelecidas, o espaço não é neutro, suas normas pré-estabelecidas, a disposição de cada elemento influencia na forma como o espaço é praticado. Estudos já realizados, como o de Ipiranga e Lopes (2017) realizado em uma praça pública na cidade de Fortaleza e o de Fantinel e Cavedon (2010) realizado em um restaurante em Porto Alegre, salientam que diferentes práticas cotidianas organizam os espaços a partir das diferentes formas que os praticantes se apropriam dos espaços.

A concepção do espaço de Certeau tem sido utilizada em diversos estudos organizacionais. Honorato e Viegas (2020), por exemplo, analisam as relações de

poder e controle impostas aos sujeitos de um instituto federal de ensino superior, como as práticas táticas constituem o espaço organizacional e demonstram como as diferentes formas de apropriação do espaço pelos sujeitos da organização subvertem a estabilidade da organização e fundam uma nova configuração posicional.

Oliveira e Cavedon (2013), ao realizarem uma etnografia em uma organização circense, constataram que o cotidiano, como um espaço de práticas, instituiu micropolíticas em meio ao processo de gestão, alterando a configuração de mercado cultural do circo e o inserindo no campo econômico.

Machado, Fernandes e Silva (2016), em seu estudo sobre a apropriação do espaço de sala de aula, analisaram o cotidiano em torno dos conceitos de espaço, lugar, estratégia e tática. A partir desses estudos, identificamos que as práticas táticas estão presentes de forma contundente nos movimentos de resistência e que esses movimentos negociam o espaço com instâncias superiores, apropriando-se dos espaços e os ressignificando a partir das bricolagens (HONORATO; VIEGAS, 2020; OLIVEIRA; CAVEDON, 2010; MACHADO; FERNANDES; SILVA, 2016).

No caso deste estudo, vamos investigar esse fenômeno no espaço do Palácio Anchieta no qual mediadores e visitantes, por meio das práticas táticas, ressignificam os espaços a partir de micromovimentos de ruptura no cotidiano, que reorganizam as práticas organizacionais e produzem novas histórias. Para analisar tais movimentos fez-se necessário adentrar no cotidiano dos praticantes, conforme detalhado no próximo tópico.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A abordagem metodológica qualitativa destaca-se como o método apropriado para o estudo do cotidiano organizacional, uma vez que, há a necessidade de imersão no dia a dia como um caminho metodológico, possibilitando compreender a complexidade das relações sociais por meio das práticas cotidianas (CERTEAU, 1998). Com isso, compreendi que foi o método adequado ser empregado neste estudo.

A pesquisa qualitativa nos permite compreender e explicar os fenômenos sociais o mais próximo possível do cotidiano, a partir dos agentes e de suas interações. A partir da perspectiva das práticas e das histórias/narrativas de Certeau (1998), faz-se necessário adentrar nas práticas dos indivíduos para compreender seu cotidiano, é necessário ouvir os sujeitos a partir de sua lógica, corroborando com a escolha da metodologia qualitativa.

O objetivo deste estudo é compreender as relações entre o organizar das práticas e a produção das histórias na área de visitação do Palácio Anchieta, investigando as singularidades do cotidiano dos indivíduos que refletem nos fenômenos sociais daquele grupo. Para realizar a pesquisa, sob a lente teórica de Michel de Certeau (1998), foi considerado como objeto de análise as práticas desenvolvidas pelas relações estabelecidas entre os mediadores culturais e os visitantes e como o organizar das práticas produzem novas histórias na organização.

Considerando a complexidade da captação das singularidades das práticas e como elas moldam as relações sociais, a metodologia adotada permitiu adentrar no cotidiano dos participantes e explorar as miudezas dos fenômenos sociais, resultado do entrecruzamento das práticas cotidianas de diferentes agentes. Desta forma, possibilitando melhor compreensão das ações dos participantes, que culminavam em novas práticas e histórias da organização. Aspectos estes subjetivos que não são possíveis de se captar pelo olhar quantitativo (MINAYO, 2002).

Ao empregar a perspectiva do cotidiano, neste estudo, pretendeu-se compreender como as singularidades das práticas dos participantes promovem novas formas de

organizar das práticas, emergindo, a partir dessa interação, novas práticas e (re) construindo a história do espaço de visitação.

### 3.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Para realização da pesquisa, como já mencionado, foi escolhido o Espaço Cultural do Palácio Anchieta, considerando o objetivo deste estudo em analisar como as práticas e suas transformações no espaço organizacional produzem e ressignificam histórias. O Espaço de Visitação do Palácio Anchieta é gerido diretamente pela Secretaria de Estado do ES por meio da Gerência Patrimônio Histórico Palácio Anchieta – GEPHA (GOVERNO ES [s.d.]), já os mediadores culturais que atuam no espaço são contratos via empresa terceirizada que responde a GEPHA. Segundo informações obtidas em campo no dia 18 de outubro de 2022, fornecidas pela coordenadora do espaço, atuam na área de visitação dezenove mediadores culturais, uma coordenadora e uma gerente responsável pelo espaço.

Os mediadores culturais são trabalhadores que atuam como guias da área de visitação do Palácio Anchieta, durante a visitação eles informam as regras que devem ser seguidas no local e “contam” as histórias da área de visitação a cada salão. Já os visitantes são os indivíduos transeuntes que passam pela área de visitação e participam das visitas guiadas. Como o Espaço Cultural Palácio Anchieta tem a característica de “contar histórias” por meio das visitas guiadas, entendi que seria a organização adequada para análise.

Considerando que a fundamentação teórica tem como pano de fundo, principalmente, os estudos de Michel de Certeau e o cotidiano, os sujeitos de pesquisa foram os praticantes do espaço de forma direta: os mediadores culturais (guias do local) e os visitantes. Os demais membros da área de visitação, coordenadores e demais trabalhadores da área administrativa do espaço cultural não foram selecionados por não estarem em contato direto e rotineiro com a área de visitação.

A observação participante, como técnica de produção de dados, permite ao pesquisador estar mais presente no cotidiano dos pesquisados, possibilitando maior interação por meio de conversas informais e anotações (CRESWELL, 2010). Para que isso ocorra o pesquisador precisa criar mecanismos para adentrar ao campo

pesquisado, de forma que sua presença não se torne hostil ao grupo, uma tática importante é ter informantes-chaves (SCHWARTZ; ELSEN, 2003).

No sentido de facilitar a inserção em campo, foi realizada uma visita prévia ao Palácio Anchieta e por um contato de uma amiga consegui uma interação prévia com uma mediadora do espaço. A mediadora foi muito solícita e me apresentou a responsável pela área de visitação e também se disponibilizou a me apresentar ao restante do grupo e me acompanhar no que for possível durante as minhas idas ao campo.

Ter um informante-chave e manter uma boa relação com os pesquisados é de grande importância para que o pesquisador possa ter contato com os pesquisados de forma mais natural possível, para que emergja em campo as interações e percepções de forma a traduzir o cotidiano dos pesquisados (MARIETTO E SANCHES, 2013).

Ao longo das visitas realizadas tive contato com 16 mediadores e inúmeros visitantes. Mas destaco como participantes da pesquisa 7 mediadores e 5 visitantes, com os quais interagi diretamente abordando sobre a pesquisa e se disponibilizaram a participar da pesquisa. Cabe destacar que tive pouca adesão por parte dos visitantes, conversei com inúmeros visitantes ao longo das idas a campo, porém, a maioria não aceitou participar da pesquisa e sempre que me identificava como pesquisadora tive a percepção de que a conversa que antes era mais fluída ficava comprometida, quando em alguns momentos cessava. No quadro 3, a seguir, apresento algumas informações dos participantes, ressaltando que são nomes fictícios e, as demais informações foram fornecidas pelos participantes.

### Quadro 3 – Dados dos participantes

<b>Categoria</b>	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Naturalidade</b>
Mediadores	Iara	26	História	ES
	Jaciara	31	Ensino Médio	ES
	Jurema	19	Arquitetura – 2º período	ES
	Raoni	27	Artes Visuais	ES
	Tupã	24	História – 5º período	ES
	Ubirajara	21	Geografia – 3º período	ES
	Xamã	19	Letras Português – 2º período	ES
	Araci	46	Pedagoga	SC
	Acir	63	Não indicou formação	RN

Visitantes	Iracema	59	Não indicou formação	RN
	Jandir	49	Engenheiro Civil	SC
	Juraci	32	Professora séries iniciais	ES

**Fonte:** produzido pela autora

### 3.3 PRODUÇÃO DE DADOS

Para produção dos dados, optei por utilizar a técnica de observação que oscilou em participante e não-participante e a entrevista não estruturada. Nas primeiras idas a campo logo após a apresentação dos mediadores, eu me apresentava como pesquisadora e explicava meu objetivo ao acompanhar a visitação, e, também, participava de forma mais ativa nas visitas, interagindo com as falas dos mediadores. Após três visitas, conversei com alguns mediadores e eles me deram um retorno de que ao me apresentar como pesquisadora sentiam que as visitas ocorriam com pouca interação por parte dos visitantes.

Diante da conversa com os mediadores resolvi mudar a estratégia e passei a adotar a postura de observadora durante as visitas e, participando em momentos pontuais. Passei a interagir com os visitantes na sala de espera antes do início das visitas e ao final, desta forma passei a me apresentar ao final das visitas. Utilizei a entrevista não estruturada para fazer questionamentos sobre aspectos que foram surgindo em campo, como por exemplo, a forma como os mediadores reconstróem a história do Palácio Anchieta, cada mediador foca em determinadas particularidades. Estive presente em 9 visitas guiadas, sendo uma apenas em companhia de um mediador e as demais acompanhando grupos diversos.

Durante as visitas guiadas, por solicitação da organização e pelo retorno das primeiras visitas, intervim o mínimo possível, participando principalmente como observadora. Para questionar aspectos específicos que surgiram em campo, foram realizadas entrevistas não estruturadas. De acordo com Fontana e Frey (2005), a entrevista não estruturada pode fornecer maior amplitude do que outros tipos, dado que muitas informações na observação participante surgem de conversas informais em campo.

Poucos visitantes se disponibilizaram a relatar suas percepções sobre as visitas, das 9 visitas realizadas, com diferentes grupos, apenas 5 visitantes disponibilizaram-se a falar sobre suas percepções. Com isso, os que mais interagiram diretamente com a

produção da pesquisa foram os mediadores, por meio das entrevistas e de minhas percepções e anotações das interações entre visitantes e mediadores ao longo das visitas.

A observação participante é adequada para estudar processos, relações entre pessoas e eventos, organização de pessoas e eventos, continuidades, padrões dentro de contextos socioculturais (JORGENSEN, 1989). Durante as visitas guiadas e principalmente nas conversas com os mediadores, pude reconhecer a importância dessa proximidade com o campo e perceber como as práticas já estabelecidas se repetem e são subvertidas a partir de pequenos movimentos e falas dos praticantes.

A observação participante aproxima o pesquisador das práticas cotidianas dos pesquisados e proporciona um maior entendimento do contexto social da organização, a partir da interação dos indivíduos. Além de ter se mostrado uma opção adequada para abordagem da pesquisa, e levando em consideração a importância da observação participante para os Estudos Organizacionais (Cavedon, 2008), a observação se apresentou como uma ferramenta importante para os estudos do cotidiano a partir da lente teórica Michel de Certeau.

Segundo Silva e Fantinel (2014), a observação participante permite ao pesquisador inserir-se no campo de forma reflexiva, ao mesmo tempo em que ele coleta os dados também os produz, tornando possível alcançar aquilo que não está explícito.

Segundo Cavedon (2008), para obtenção dos dados de forma aprofundada é necessário a observação participante, processo pelo qual o participante se insere no campo e além de observar e colher informações, também vivencia as experiências do grupo ao qual está inserido.

A inserção do pesquisador em campo, no ambiente organizacional dos pesquisados, e o estabelecimento da relação com seu pesquisado, possibilita o surgimento de relações que proporcionam um melhor entendimento das complexidades sociais (GODOY, 1995).

Para Certeau (1998) os relatos e as práticas constituem e organizam lugares, são percursos de espaços e reproduzem os espaços. A narrativa das práticas cotidianas, segundo o autor, é uma forma de fazer textual, com seus procedimentos, estratégias e táticas. Para alcançar tais narrativas, o pesquisador precisa adentrar nas relações



para compreender as práticas que constituem os lugares e as “maneiras de fazer” dos pesquisados.

Adentrar no campo das práticas organizacionais significa analisar e compreender como a interação dos indivíduos com e na organização fazem emergir símbolos e reconstruem o espaço organizacional. As práticas, em seus espaços de significação, constituem o local do social, todas as relações sociais são parte dessas práticas (SCHATZKI, 2005). As organizações, como qualquer outro fenômeno social, são um conjunto de práticas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2005) que ressignificam, por meio das ações organizadas, as relações sociais.

A compreensão dos fenômenos sociais, a partir das práticas constituintes do cotidiano, sob a lente de Michel de Certeau, faz emergir a necessidade da inserção no cotidiano organizacional para melhor compreensão dos fenômenos. Com isso, a observação participante que, como método de pesquisa, busca desenvolver uma compreensão das particularidades de determinado grupo, por meio da reflexividade, das idas e voltas do pesquisador ao campo (MAGALHÃES; SANTOS, 2016), torna-se adequada quando analisamos as práticas sob a lente Certeuniana. Uma vez que, uma melhor compreensão das relações sociais surge no cotidiano, nas interações sociais, na relação pesquisador/campo ou pesquisador/pesquisado.

Certeau (1998) analisa as práticas cotidianas a partir do sujeito comum, do ordinário, por meio das interações sociais que se estabelecem no espaço praticado, de forma a constituir símbolos e identidades. O pesquisador em campo além de perceber essas práticas e as transformações que elas exercem sobre o grupo, também pode vivenciá-las pelas relações sociais estabelecidas, adentrando nas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998, p. 41) dos indivíduos e da cultura pesquisada.

Para Certeau (1998), os relatos e as práticas constituem e organizam lugares, são percursos de espaços e reproduzem os espaços. A narrativa das práticas cotidianas, segundo o autor, é uma forma de fazer textual, com seus procedimentos, estratégias e táticas. Para alcançar tais objetivos, o etnógrafo precisa adentrar nas relações que compreendem as práticas que constituem os lugares e as maneiras de fazer dos pesquisados.

Com o intuito de compreender como as práticas são estabelecidas entre mediadores e visitantes e como os visitantes experienciam os espaços, foi realizada a inserção

em campo por meio da observação, acompanhando os mediadores culturais em sua rotina de trabalho, observando e participando das visitas guiadas e das trocas entre os mediadores e visitantes.

Foi realizada uma visita prévia ao Palácio Anchieta para verificar a possibilidade da inserção em campo, e foi sinalizado pela responsável que não haveria nenhum impedimento. Com a ressalva de que não podem ser realizadas gravações na área de visitação.

Para registro das informações coletadas em campo foram produzidos diários de campo com as informações e percepções captadas durante a observação participante. O pesquisador, ao adentrar o campo, deve manter o registro minucioso, por meio de notas e do diário de campo, das observações realizadas em contato com o campo (FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2008). O diário foi escrito sempre no dia seguinte à realização das visitas, durante as visitas fiz anotações nas notas do celular e gravava áudios direcionados a mim pelo WhatsApp.

Todos os trechos das mediações que foram utilizados nesta pesquisa foram repassados com os mediadores, por se tratar de anotações posteriores a fala dos mediadores, como forma de confrontar a produção dos dados realizada em conjunto com eles, mas traduzida em texto por mim, de maneira isolada. Alguns dados e trechos foram alterados e outros descartados a pedido dos participantes.

### 3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados coletados, por meio da observação participante, em campo e registrados nos diários de campo foi empregada a técnica de análise de conteúdo. Diversos autores abordam a análise de conteúdo, de forma que algumas terminologias e conceitos são diferenciados, com isso, optei por utilizar o conceito de Bardin (2016) e as etapas apresentadas pela autora. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que tem como premissa a comunicação, oferecendo várias formas de aplicação e se adaptando ao campo de pesquisa.

Dentre as técnicas de análise de conteúdo abordadas pela autora, para tratamento dos dados coletados em campo foi utilizada a técnica de análise categorial ou temática. Bardin (2016) destaca que a análise de conteúdo seja realizada por um

conjunto de categorias analíticas, ou seja, são recortes dos discursos por meio de categorias extraídas dos conteúdos.

Bardin (2016), destaca que a organização dos procedimentos de análise é a primeira etapa da análise de conteúdo. Nesta etapa, a autora aponta que é necessário realizar uma pré-análise do conteúdo produzido, a partir da coleta dos dados em campo, após essa análise inicial é que deve ocorrer o tratamento dos resultados obtidos a partir da fundamentação teórica.

Essa pré-análise irá auxiliar na criação das categorias analíticas para análise do conteúdo produzido. Realizar uma análise temática constitui em descobrir os “núcleos de sentido” que integram a comunicação e trazem significado para o objetivo definido (BARDIN, 2016, p. 135).

Desta forma, em uma primeira análise dos dados, para melhor compreensão e interpretação, foi realizada uma primeira codificação e, em um segundo momento, tendo em mente os objetivos da pesquisa e os conceitos do referencial teórico, uma segunda análise dessa categorização, projetando as primeiras impressões e as práticas recorrentes dos pesquisados aos conceitos apresentados no referencial teórico.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Seguindo o procedimento proposto por Bardin (2016), inicialmente revisei todas as anotações e os áudios produzidos que deram origem as anotações. Ao revisar o material produzido destaquei os trechos que tinham relação com os objetivos propostos ou eram relevantes no contexto da pesquisa. Em seguida, formulei oito categorias com base nos trechos destacados: (1) Ressignificação dos espaços; (2) Práticas de narrar; (3) Rupturas cotidianas; (4) Articulação com o espaço; (5) Reapropriação da História; (6) Interferência política; (7) História dos esquecidos e; (8) Polarização política. As categorias são elementos que fornecem ao pesquisador meios para descrever o fenômeno investigado, gerando conhecimento (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

A partir da categorização inicial, dos objetivos propostos neste estudo e tendo como alicerce a prática como uma lente para compreender os fenômenos organizacionais

(GHERARDI, 2009a; GHERARDI, 2009b), buscando compreender as práticas cotidianas de forma reflexiva, as quais reconstróem e ressignificam a história a partir das práticas espaciais e são ressignificadas por elas, sintetizei as categorias iniciais em duas categorias básicas, que perpassam as demais categorias definidas a partir dos dados produzidos: (1) – A ressignificação do espaço a partir da apropriação das práticas; (2) O regaste do ordinário na história por meio das práticas. Essas duas categorias permitiram organizar os dados na apresentação da análise.

No tópico (1) buscou-se evidenciar como os praticantes (mediadores e visitantes) se apropriam do espaço e dos artefatos que compõem o espaço para ressignificá-lo, já no tópico (2) o foco é na forma como os praticantes, principalmente os mediadores, se apropriam da história oficial, por meio das práticas cotidianas, para dar voz aos sujeitos marginalizados e esquecidos pela história oficial.

### 3.6 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Uma das limitações do campo é a impossibilidade de realizar gravações, por exemplo gravar o áudio de conversas, tornando as anotações fundamentais. As gravações trariam ao pesquisador, no momento da análise dos dados, a possibilidade de retomar falas inteiras dos pesquisados e não apenas fragmentos do que foram anotados pelo pesquisador.

Na primeira visita realizada ao Palácio Anchieta para obter autorização para pesquisa, antes da inserção em campo, houve o receio de que a integração com o grupo pesquisado e a inserção em campo pudesse distorcer a percepção do cotidiano dos praticantes, neste momento principalmente dos mediadores culturais.

Já em campo, após as primeiras visitas, pude observar que a minha participação nas visitas não gerou perturbações no cotidiano dos mediadores culturais. No entanto, a baixa adesão dos visitantes à participação da pesquisa fez com que o estudo fosse mais direcionado para as práticas e percepções a partir do olhar dos mediadores culturais. Segundo Geertz (1994), a leitura que o pesquisador faz da realidade do campo sempre será a partir do outro, neste caso mediadores e visitantes, e apenas os praticantes podem atribuir significado as experiências cotidianas.

## 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 O PALÁCIO ANCHIETA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL

O Palácio Anchieta é atual sede do governo do Estado do Espírito Santo e, também, desde 2009, espaço cultural aberto à visitação (GOVERNO ES [s.d.]). Localizado no centro da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, de frente para a baía de Vitória, teve sua construção iniciada na segunda metade do século XVI, pelos padres jesuítas com o intuito de construir a Igreja de São Tiago e o colégio jesuítico (Figura 1), com a finalidade de expandir a catequização indígena (MARTINUZZO,2009).

Figura 1 - Igreja de São Tiago e Colégio



Fonte: Acervo de Coleções Especiais, Sistema Integrado de Bibliotecas, UFES (1909)

A educação religiosa – catequese – presente na Igreja de São Tiago e colégio jesuítico obteve êxito a partir da chegada do padre José de Anchieta (1534-1597), que mais tarde teve homenagem prestada dando nome ao atual Palácio Anchieta (DERENZI, 1971).

A construção da igreja e colégio de São Tiago durou mais de um século, a primeira ala do colégio foi concluída em 1587, pelo padre José de Anchieta, que morreu 10 anos após. Em seus últimos anos de vida, o padre José de Anchieta instalou-se em Reritiba, atualmente cidade de Anchieta – homenagem também prestada ao padre – tendo sido sepultado na antiga Igreja de São Tiago, atualmente, o Palácio Anchieta (MARTINUZZO, 2009).

A segunda ala do colégio foi construída 120 anos após a construção da primeira ala, em 1707, de frente para a baía de Vitória, e é parte do quadrilátero que foi finalizado em 1747 e ainda existe. Em 3 de setembro de 1759 os jesuítas foram expulsos de Portugal e suas colônias, com perda de seus direitos. No ano seguinte os jesuítas saíram da igreja e colégio de São Tiago, com essa saída a igreja e o colégio tornaram-se sede do Governo da Capitania (DERENZI, 1971).

A edificação ficou sem a devida manutenção desde a expulsão dos jesuítas até o ano de 1798, quando foi recuperada de um incêndio ocorrido dois anos antes, e passou a ser denominada Palácio do Governo (BERNARDI, 2012).

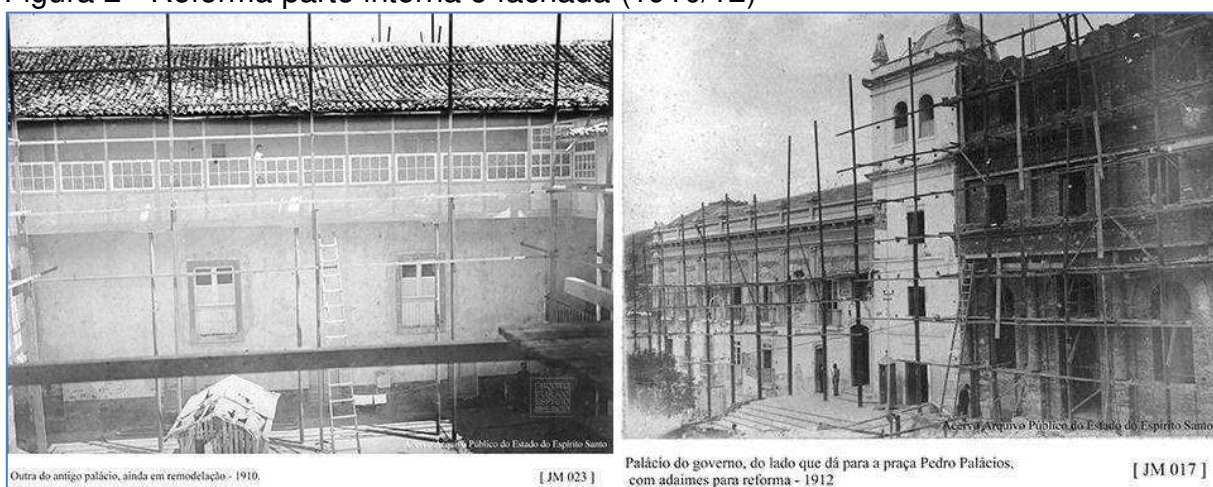
Passando novamente por um longo período de falta de manutenção, o Palácio, em estado de degradação, teve sua primeira grande reforma em 1859 com o anúncio da visita de Dom Pedro II à capitania do Espírito Santo, que ocorreu em 1860 (BERNARDI, 2012). Devido ao estado crítico de degradação do Palácio, além dos recursos enviados pela corte foi necessário contar com a doação de vários fazendeiros ricos (MARTINUZZO, 2009).

A partir do século XX, já no período republicano, o Espírito Santo inicia uma fase de urbanização e transformação arquitetônico, com as mudanças iniciadas no ES o Palácio também ganha novos moldes. Em 1912, no governo de Jerônimo Monteiro, o

Palácio passa por uma grande reforma, alterando sua fachada e apagando os traços da arquitetura jesuítica e do período colonial (BERNARDI, 2012).

Segundo Bernardi (2012), a reforma de 1912 reformulou tanto a parte interna, reconstruindo e apagando traços da antiga Igreja de São Tiago e do Colégio, como a parte externa, que foi remodelado. Para a reforma, Jerônimo Monteiro contratou o engenheiro francês Justin Nobert para conduzir a reforma que deu origem ao novo Palácio.

Figura 2 - Reforma parte interna e fachada (1910/12)



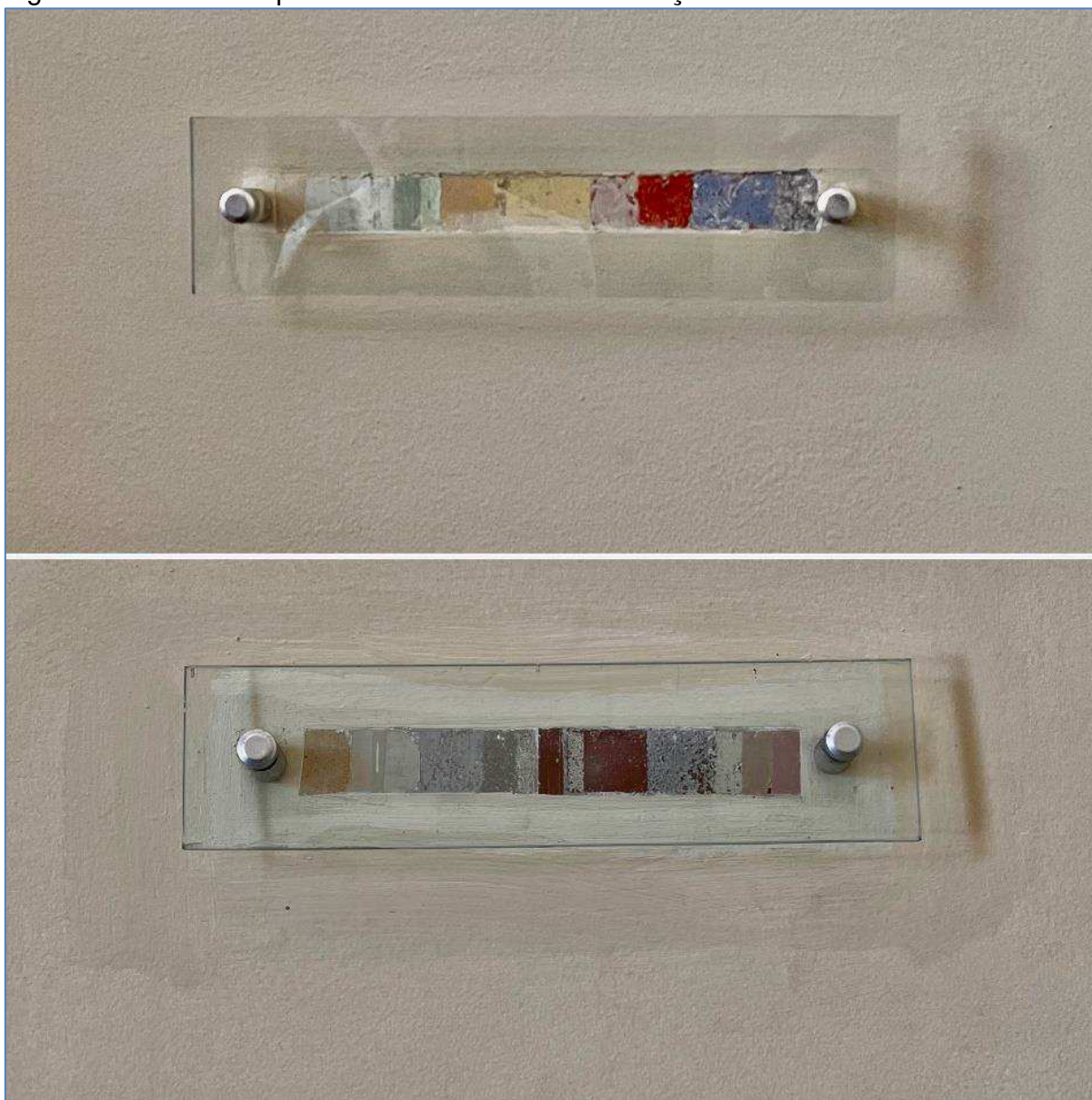
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Espírito Santo

O palácio recebeu o nome de Anchieta em 09 de junho de 1945, no aniversário de morte do padre José de Anchieta, com o decreto nº 15.888, pelo então governador, Jones dos Santos Neves, denominando o antigo Palácio do Governo de Palácio Anchieta (MARTINUZZO,2009).

Desde 1983 o Palácio Anchieta é protegido por meio do tombamento realizado pelo Conselho Estadual de Cultura do ES, resolução n. 2/1983. A partir do tombamento, a construção do século XVI tornou-se patrimônio histórico, resguardando sua memória por meio da proteção de sua estrutura arquitetônica. O tombamento do imóvel impede que governantes alterem suas características arquitetônicas, como ocorreu ao longo do tempo e foi revelado na última restauração do Palácio Anchieta (Figura 3). De acordo com a lei estadual 2.947/1974, em seu art. 24: “A causa tombada não poderá em caso nenhum, ser destruída, demolida ou mutilada, nem sem prévia autorização especial do Conselho Estadual de Cultura, ser reparada, pintada ou restaurada [...]” (ESPÍRITO SANTO, 1974). A Figura 3, a seguir, revela as diversas intervenções, ao longo dos anos, na pintura do Palácio, e indica a necessidade de que ele seja

preservado contra intervenções que o descaracterizem.

Figura 3 - Cores das paredes reveladas na restauração de 2004-2009



Fonte: Fotografado pela autora

A lei estadual também dispõe da responsabilidade do proprietário pela manutenção e conservação do bem tombado. No caso do Palácio Anchieta, o fato de também ser sede do governo do estado o beneficia, quando comparamos com outros espaços culturais, pois as manutenções ocorrem de forma recorrente.

Após quase um século desde sua remodelação, o Palácio Anchieta passa por uma restauração, que teve início em 2004. Essa restauração buscou resgatar características da reforma de 1912 e valorizar achados arqueológicos de períodos anteriores (BERNARDI, 2012).



Com sua restauração completa em 2009, quando, além de ter a sede do governo reformulada, também foi inaugurada a área de visitação do Palácio Anchieta, objeto de pesquisa neste estudo. A restauração evidenciou diversos aspectos da arquitetura original do Palácio, parte deles pode ser observada na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Entrada principal Palácio Anchieta



Fonte: Fotografado pela autora

Atualmente, o túmulo simbólico do padre José de Anchieta faz parte do percurso da visitação guiada, no qual os mediadores dialogam com os visitantes sobre a construção do palácio, no século XVI, as reformas realizadas, as mudanças de status da instituição até chegar a sua conjuntura atual.

Essa visitação guiada, como uma forma de revisitar o passado, por meio dos relatos e de todos os artefatos expostos. Cabe salientar que o discurso produz efeitos, a forma como cada mediador conta as “histórias” do Palácio Anchieta é diferente. De acordo com Certeau (1998), algo na narração pode escapar daquilo que é devido, foge e modifica a historiografia, substituindo por outra, “pratica o não lugar”.

Cabe salientar, também, que a concepção da área de visitação do Palácio Anchieta, mesmo sendo uma área de exposição aberta à visitação, tem cunho político e tenta abordar a história a partir da visão dos que governam, com foco na história oficial retratada por aqueles que estão e estiverem no poder ao longo das décadas. A História ou historiografia “se articula com um lugar de produção sócio-econômico,

político e cultural” (Certeau, 1982, p. 66), no espaço de visitação há essa intencionalidade e os relatos dos mediadores tanto reforçam quanto desmistificam a “história dos vencedores”, a “história oficial”. Este estudo teve foco nas histórias que surgem a partir das práticas cotidianas dos mediadores culturais e visitantes, a partir dos usos que os praticantes fazem da história oficial para ressignifica o e constru o de novas histórias que são marginalizadas ou esquecidas pela história oficial.

## 4.2 A RESSIGNIFICA O DO ESPAÇO A PARTIR DA APROPRIA O DAS PRÁTICAS

O Palácio Anchieta, como já salientado no t pico anterior,   um espaço, que por si só, carrega a característica de altera o espacial a partir das práticas ali estabelecidas. Há o espaço de visita o aberto ao público durante a semana e fins de semana e a área que   sede do governo do Estado do Espírito Santo, sendo que a sede do governo fica aberta   visita o guiada apenas aos finais de semana.

Resgatando um pouco sobre o Palácio Anchieta e lembrando que o lócus desta pesquisa se limita a área de visita o, incluindo a que   aberta apenas aos finais de semana, que se caracteriza como organiza o de cunho cultural, cabe retomar o conceito de espaço que estamos utilizando nesta pesquisa: o espaço produzido por meio das experiências vivenciadas, como não neutro, transformado pelas práticas cotidianas (CERTEAU, 1998). Esta perspectiva pretende compreender como as percep es e experiências dos praticantes ressignificam o espaço organizacional. Ao adotar o espaço como experiência o papel do pesquisador   apreender e elaborar formas de transmitir os significados, percep es e experiências que constituem o espaço organizacional (DOMINGOS; FANTINEL; FIGUEIREDO, 2019).

A partir desta perspectiva passamos a adentrar no espaço da área de visita o e suas transforma es por meio das práticas, principal ponto a ser abordado no t pico. A  rea de visita o do Palácio Anchieta   aberta ao público de terça   sexta-feira, das 09h às 17h, e aos sábados e domingos das 09h às 16h, sendo que nos finais de semana a visita o também conta com a área sede do governo. As visitas sempre são realizadas com pelo menos um mediador, os visitantes podem chegar sem marcar horário, realizar o cadastro na recep o e aguardar o próximo horário. O espaço também recebe grupos escolares, neste caso com agendamento prévio. Durante

minha inserção em campo não acompanhei grupos escolares. Como o Palácio é a sede do Governo há uma entrada para o governador e demais autoridades e outra entrada para os visitantes, como se observa na Figura 5, a seguir.

Figura 5 - Lateral do Palácio Anchieta (entrada dos visitantes)



Fonte: Fotografado pela autora

O primeiro contato do visitante com o espaço do Palácio Anchieta é na parte exterior do prédio, sua arquitetura nos instiga a conhecê-lo. Minha percepção e de alguns visitantes, é manifestada no relato de Juraci: “[...] a imponência da fachada nos convida a entrar, achei muita bonita as formas, as grandes janelas, frente a essa praça com tantas árvores, parece que tem vida e fala com a gente [...]” (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Chanlat (2009), destaca a importância de nos sentirmos bem no espaço, algo associado ao prazer do que é belo, por exemplo, como podemos captar na fala de Juraci.

Adentrando no Palácio Anchieta o visitante passa pela recepção para fazer seu cadastro e inicia seu percurso histórico pelas salas e corredores do espaço. Ao entrarmos na primeira área, logo após o detector de metal, o mediador organiza o grupo e passa as regras e informações para permanência no espaço. Principais regras: todos devem permanecer juntos, proibido gravar vídeos ou áudios, fotos são permitidas apenas sem flash, proibido consumir alimentos durante a visita e não podem tocar nas obras expostas.

Nesse momento o grupo adota práticas temporárias (BEST; HINDMARSH, 2019), para que possam adentrar na instituição e experienciar a visita. A forma como os praticantes adotam essas práticas faz com que o espaço seja ressignificado de diversas maneiras. Segundo Mayol (2011), o aceitar dessas práticas, não necessariamente significa estar de acordo com elas, mas pode significar a normatização de comportamentos – mesmo que temporários – em favor da manutenção das relações sociais ali estabelecidas, viabilizando as práticas cotidianas.

Essas primeiras instruções criam o primeiro retrato, dentro do Palácio Anchieta, do espaço organizacional, o que a instituição deseja transmitir. Porém, há uma lacuna entre o discurso institucional, que nos localiza no espaço organizacional, e o que é apreendido e praticado pelos participantes, visitantes e mediadores. Durante as visitas, principalmente quando o grupo é maior, a subversão de pequenas regras passa despercebida, outras são ignoradas pelos mediadores. Ao vivenciar a “[...] ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades [...] e proibições, o caminhante atualiza algumas delas (Certeau, 1998, p.177).

Assim como Chanlat (2009) ressalta que o espaço organizacional está submetido a espaços mais amplos, a área de visita do Palácio Anchieta está submetida ao governo do estado do ES, que usa e mantém o espaço e busca mesclar a história do Palácio com a trajetória histórica e política do ES. Porém, as táticas cotidianas dos mediadores e visitantes, a partir de pequenos golpes no cotidiano – uma pequena crítica, um enfoque diferente na mediação – articulam as táticas de ruptura, utilizando elementos da estratégia com bricolagens que ressignificam o espaço organizacional.

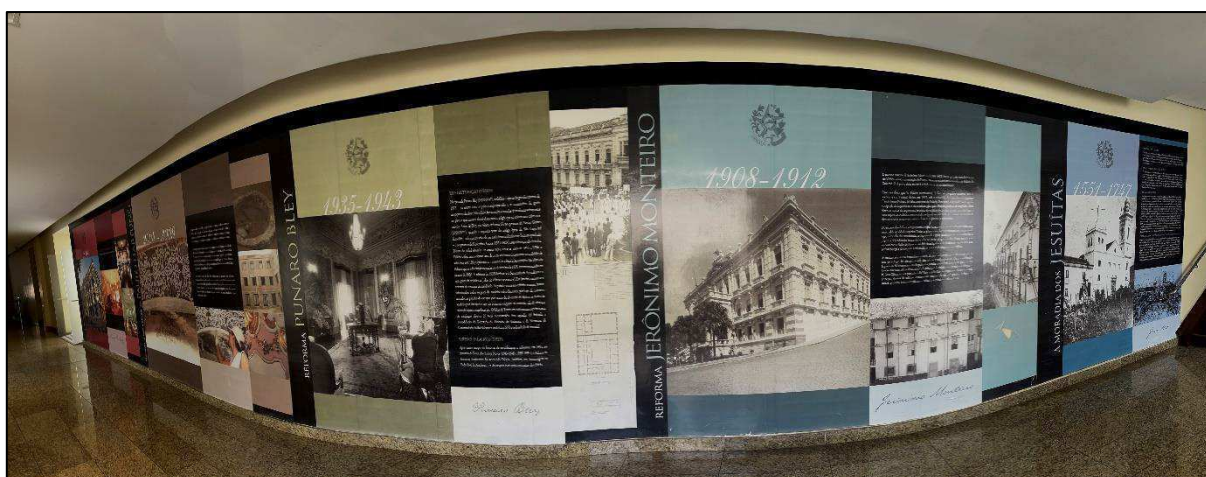
Em uma das mediações que aconteceu no dia 23 de outubro de 2022, no período da manhã, foi a visita que mais me chamou a atenção quanto aos pequenos movimentos que subverteram as regras. Talvez pelo tamanho do grupo, estávamos em 12 pessoas, e por haver outras mediações ocorrendo de forma simultânea. Nos momentos que ocorria o cruzamento com outro grupo é que aconteciam com maior frequência esses movimentos. A produção tática do espaço por sujeitos comuns, que se valiam de pequenas brechas, destacadas por Certeau (1998), ocorriam quando os visitantes aproveitavam a confusão para tocar nas pinturas e os seus flashes surgirem, pervertendo o lugar do próprio.

Nesse caso o “lugar próprio” na área de Visitação do Palácio Anchieta é a posição inicial de poder que a instituição repassa ao mediador, que ocupa o lugar de vigilante das regras e normas estabelecidas, são as “estratégias” estabelecidas. Segundo Machado, Fernandes e Silva (2016), na abordagem certeuniana o estrategista é situado no “lugar próprio”, o qual possui um status de poder, com as estratégias o legitimando e mantendo o status de poder vigente.

Em outras visitas que pude acompanhar, com menos participantes, variava entre 4 a 7 participantes, a leitura das regras e as normas estabelecidas se impuseram, mantendo o *status quo* do mediador. Pude perceber que quanto menor o grupo, mais centradas eram as mediações, com poucas interrupções, sem desvios, com os praticantes atentos aos gestos e a forma como o mediador fazia a leitura do espaço e vigiava o cumprimento das regras mencionadas.

Seguindo a ordem dos acontecimentos da mediação, ainda na entrada principal, logo após as primeiras instruções, inicia-se de fato a visita com a mediação. Durante a semana as visitas duram em torno de 50 minutos, aos finais de semana tem duração de 1h10m. O mediador inicia a visita em um painel principal (Figura 6) que possui um resumo, com figuras e pequenos textos, com uma linha do tempo da construção do Palácio Anchieta. Nesse primeiro momento, na maioria das visitas, ocorre uma desconstrução da ideia de que o Palácio Anchieta havia sido construído pelo padre José de Anchieta, que deu origem ao nome, séculos depois de muitas reformas e do padre ter sido enterrado na igreja, que foi praticamente destruída para a construção das instalações atuais do Palácio Anchieta, como expliquei no tópico anterior.

Figura 6 - Parede entrada principal da área de visitação



Fonte: fotografado pela autora (2022)

Neste ponto, o mediador repassa cada quadro com o grupo e cita de forma resumida o que está escrito, de forma a reconstruir a história do Palácio Anchieta desde a sua construção até o ano de 2009, marco da finalização da sua restauração e forma atual do Palácio.

Uma percepção que tive ao participar de visitas com diferentes mediadores é que cada um dá um enfoque diferente na mediação, cada forma de narrar o espaço nos faz vivenciá-lo de uma outra forma. Destaquei duas mediações, de acordo com as minhas percepções, que tiveram abordagens muito distintas e ambas me surpreenderam de formas diferentes. Deixando claro, que não cabe julgamento de valores nesta pesquisa, não há certo ou errado, são apenas percepções que tive durante as visitas e que julguei necessário ressaltar, pois são exemplos de como as “práticas de narrar” transformam um mesmo lugar em diferentes espaços.

Na visitação realizada no dia 1º de novembro de 2022 a mediação foi realizada pela mediadora Lara, formada em História e mediadora cultural há um ano e meio. Em todas as mediações as primeiras instruções foram as mesmas, sempre relatando as normas para a permanência no espaço. Dando início à mediação, Lara faz a apresentação das informações no quadro (Figura 6) que apresenta a linha do tempo. A seguir, alguns trechos das falas de Lara, das minhas anotações, revelam a sua mediação:

[...] Nesse quadro apresentamos a linha temporal da construção do Palácio Anchieta, desde sua primeira configuração até a estrutura atual. Então a construção iniciou no ano de 1551 pelos jesuítas, quando iniciaram a construção da Igreja de São Tiago e o colégio para catequização dos indígenas [...] então em 1587 foi construída pelo José de Anchieta a primeira parte do colégio [...] A segunda parte foi só 120 anos depois da primeira parte e muita gente acha que foi tudo construído pelo padre José de Anchieta [...] então em 1912 teve a reforma com o governador Jerônimo Monteiro [...] em 1943 Punaro Bley fez outra reforma [...] de 2004 a 2009 foi a restauração que chegou na estrutura atual e inaugurou o espaço cultural do Palácio Anchieta (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO).

A mediação da Lara nos leva a cada marco, conforme disposição do quadro, da reconstrução do Palácio Anchieta. Acima trouxe apenas alguns fragmentos, para exemplificar a fala dela, mas toda mediação foi guiada pelas datas dos acontecimentos, ressaltando alguns pontos como mais importantes. Dessa maneira, dentro da limitação de poucos minutos para aquela etapa da visita Lara nos levava a transições do espaço passando por vários séculos.

Em outra mediação, essa ocorreu no dia 6 de dezembro de 2022, meu último dia em campo, pude acompanhar o mediador Raoni, formado em Artes Visuais, mediador

cultural há quase 3 anos. Os ritos iniciais foram os mesmos de lara. Ele repassou as normas e iniciamos a visitação. No primeiro quadro (Figura 6) ele novamente iniciou sua fala apresentando a linha do tempo da construção do Palácio, mas, conforme destacado a seguir, Raoni organiza sua fala de maneira distinta de lara:

[...] aqui nós temos a cronologia com dados da construção do Palácio Anchieta, do seu início até chegarmos a esse prédio que aqui estamos a conhecer [...] Os Jesuítas tiveram a ideia de construir uma igreja e um colégio para catequização dos povos originários [...] ah os jesuítas construíram o Palácio Anchieta? Não. A construção foi pelos povos originários ou indígenas, como todos conhecem, pois é uns fazem e outros levam a fama [...] em nosso trajeto vocês poderão observar as técnicas indígenas utilizadas na construção [...] (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO)

Nas duas mediações podemos observar as transformações espaciais do mesmo lugar, a partir das práticas de narrar. Assim o que ocorre na área de visitação do Palácio Anchieta, conforme Certeau (1998), é que a partir da leitura espacial, produzida pela prática do lugar constituído de signos surgem diversos espaços em um mesmo lugar. Segundo o autor, o espaço é o resultado das operações que o orientam, neste caso, é resultado das práticas de narrar, a condução de cada uma das mediações nos leva a ressignificar o espaço de forma distinta. Nas interações com Raoni o Palácio Anchieta é produzido pelos povos originários, ele faz parte da opressão e dos esquecimentos que eles sofreram e, hoje, esse espaço existe para produzir essa história. Com lara, como vimos, produzimos outro espaço, no qual padres jesuítas e governadores estão mais presentes do que os povos originários, ignorados por ela e não mencionados pelas outras pessoas com as quais estávamos interagindo.

Nestas duas mediações consegui conversar com alguns visitantes ao final. Na mediação da lara me aproximei do casal Araci e Jandir para auxiliá-los com fotos na área e externa e aproveitei para indagá-los do que acharam da visita. Abaixo um trecho da conversa com o casal, na ocasião Araci falou mais que Jandir que seguiu apenas concordando com a esposa:

Olha, achamos a visita interessante. né amor? [Araci questiona o esposo que confirma], saímos bastante satisfeitos, nos sentimos *experts* na história dos jesuítas, do estado de vocês e como eles foram importantes no início para economia e a fé mesmo [...] O estado de vocês é muito bom, com uma trajetória bonita e não é todo lugar que tem isso, um lugar tão bem cuidado [...] uma atração gratuita, com muita história [...] (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO).

No dia da mediação do Raoni me aproximei do casal Acir e Iracema alguns minutos antes da mediação, iniciamos uma conversa enquanto aguardávamos nosso horário para visita. Trocamos alguns comentários durante a mediação e após a visita consegui conversar por alguns minutos com eles, conforme segue abaixo:

Olha fiquei impressionado como o rapaz falou bem [...] nunca que ia desconfiar que um padre que dá nome a lugar fez essas coisas [...] a gente até já ouviu muita coisa de ruim que igreja faz, fez [...] sou católico, mas não assino isso não, matar tantos índios, escravizar gente [...] e aí no final me põe um vídeo pra dizer que tudo foi lindo [...] mas a visita é boa, gostei, aprendi [...] (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO)

[...] as falas foram muito boas, importantes, nesse momento então que estamos vivendo e coragem do rapaz hein [...] desmistificar que tudo é lindo, retratar os índios, o preconceito [...] gostei demais que ele falou das técnicas indígenas usadas [...] das falas que a gente fala sem pensar né, ofende, não reconhece quem fez mesmo [...] (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO)

Aqui evidenciamos o que destaca Weinfurtner e Seild (2018), quando afirmam que na abordagem lefebvriana o espaço é produto e produtor das relações sociais que se estabelecem. Assim como, para Certeau (1998), o espaço é produto das práticas cotidianas que se constituem e são constituídas nas relações sociais. A partir dos três trechos dos relatos dos visitantes, das duas mediações distintas, podemos observar a ressignificação do espaço da área de visitação do Palácio Anchieta de formas distintas. As falas dos mediadores, as maneiras de fazer de cada mediador, narrando o espaço, nos leva a prática de um “não-lugar” (Certeau, 1998, p. 78).

Em outra mediação, realizada no dia 20 de novembro, estávamos acompanhados de dois mediadores, Tupã e Ubirajara, uma das falas do mediador Tupã gerou uma discussão de um visitante com os mediadores, na sala de achados arqueológicos o mediador disse a todos para ficarem à vontade e logo depois iria falar um pouco sobre os itens, conforme segue:

Esse item aqui [o mediador aponta para o item – Figura 7] é uma cuspeira, alguém já ouviu falar? E esse ao lado é um urinou [...] como falamos não havia saneamento, banheiro, nada disso [...] então quem fazia a limpeza da cuspeira e do urinou eram os escravos e eles ficavam todos sujos [...] Os escravos daquela época que faziam a limpeza, ficavam sujos e com raiva, com isso esses eram chamados de enfezados [...] Um termo preconceituoso que usamos sem pensar [...]. Por isso, é importante termos conhecimento, entender que muitos termos que parecem banais são carregados de preconceito, racismo [...] (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO).



Figura 7 - Sala de achados arqueológicos



Fonte: fotografado pela autora

Após a fala do mediador Tupã, um dos visitantes ficou muito irritado, já no meio da fala ele apresentava uma feição de que não concordava com a fala do mediador. Desse ponto em diante da mediação iniciou-se uma discussão, o visitante disse que aquilo era bobagem, que todo mundo falava aquilo e que a fala dele era coisa da esquerda, que ninguém pode falar mais nada. Tupã tentou contornar a situação explicando seu papel como mediador, mas nada mudava a ideia do visitante.

É importante destacar que a inserção em campo ocorreu em ano eleitoral, momento de grande divergência política e com atos extremistas sendo noticiados quase que diariamente. Destacando que, duas visitas foram realizadas entre o primeiro e segundo turno das eleições e as demais após o segundo turno.

A visita destacada, do dia 20 de novembro, é um dos exemplos de hostilidade que os mediadores sofreram durante as visitas. A partir dela podemos perceber que o extremismo político interferiu e trouxe modificações para o espaço de visitação, que tinha seu espaço ressignificado a partir dos mediadores que buscaram trazer criticidade com pequenos “golpes” na história oficial, resgatando os esquecidos. Nesse ponto

temos a intolerância política reforçando a história oficial, legitimando o espaço de poder dos vencedores em detrimento dos esquecidos.

A história narrada cria um “não-lugar”, um “espaço de ficção” (Certeau, 1998, p. 158-159). Assim, na área de visitação podemos visitar diferentes espaços que nos contam histórias diversas: a história dos vencedores que ofusca o cotidiano; a história do ordinário que nos convida a conhecer os anônimos, os sem nomes e; a história da arte por trás dos artefatos, paredes e pinturas. Cada mediação carrega um pouco da característica de quem conta a história com a história do Palácio Anchieta, as experiências e vivências de cada um ressignifica o espaço a cada visita e interação com os visitantes.

Como já mencionado anteriormente, as visitas ao Palácio Anchieta que acontecem aos finais de semana são mais extensas e a área sede do governo do estado do ES é incorporada ao trajeto. Nessas visitas podemos observar que as interações dos visitantes são bem distintas, a parte histórica do Palácio fica em segundo plano, dando lugar a curiosidade e ao deslumbramento pelos espaços que são utilizados pelo governador, como a sala de trabalho do governador, apresentada na Figura 8, a seguir.

Figura 8 – Sala do governador



Fonte: Fotografado pela autora

Ao adentrarmos no espaço destinada ao trabalho do governador do ES, cria-se uma atmosfera, as atenções são voltadas para como o governador utiliza o espaço.

Durante a visita os mediadores trazem elementos sobre a arquitetura, como foi realizado o restauro, data dos artefatos, mas nada mais parece ter a mesma importância para os visitantes, além das coisas contemporâneas corriqueira do governador, como seus objetos na mesa, a maneira de arrumar, etc. Nesse ponto da visita o contemporâneo sobressai ao antigo, ocorre uma sobreposição de espaços, a quantidade de fotos na sala do governador (Figura 8) é maior do que nas demais áreas, surgem várias perguntas: como é o trabalho dele? Por onde o governador passa?

Os mediadores, a partir da curiosidade dos visitantes, contam histórias sobre os usos do espaço pelo governador, em uma das mediações foi relatado sobre a cozinha que é utilizada para preparar suas refeições, espaço que não é destinado a visita. Esses relatos, nos transportam para espaços que não podemos vivenciar, como por exemplo o relato da cozinha, experienciamos e reconstruímos o espaço a partir da narrativa do mediador. É a credibilidade que damos ao discurso dos mediadores que nos permitem ressignificar e praticar esse espaço:

Uma credibilidade do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes. Fazer crer é fazer fazer. Mas por curiosa circularidade a capacidade de fazer se mover – de escrever e maquinar os corpos – é precisamente o que faz crer (Certeau, 1998, p. 243).

No caso da visita todos param o que estão fazendo para vivenciar no discurso do mediador os espaços legitimados pelo governador, mesmo aqueles para os quais a visita não é permitida. Mas os discursos e narrativas dos mediadores no Palácio Anchieta não se referem apenas ao que é legitimado pelos usos do governador, mas, também, é por meio das narrativas que os praticantes resgatam o ordinário da história oficial do Palácio Anchieta, trazendo novas histórias, como veremos a seguir.

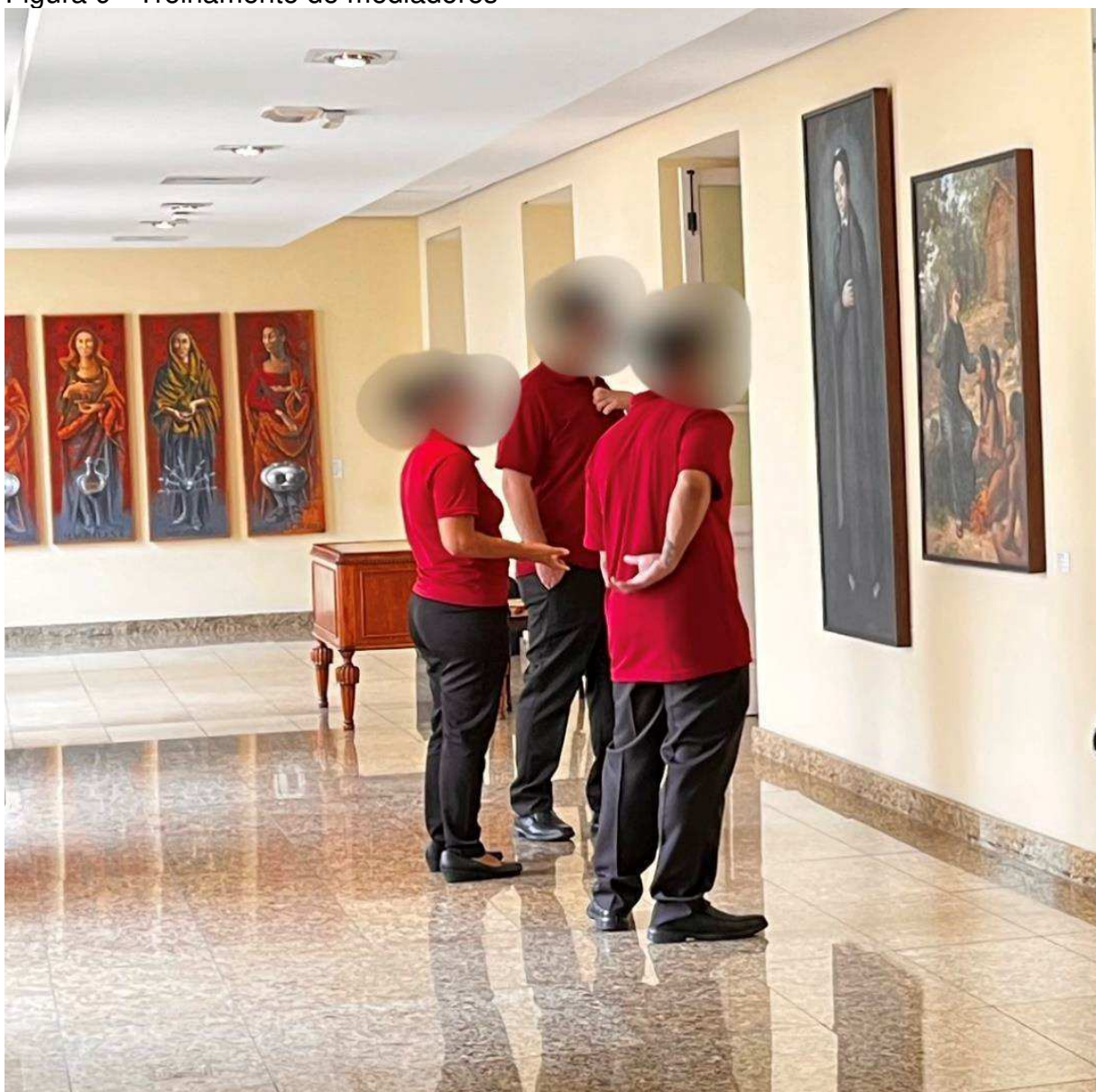
### 4.3 O RESGATE DO ORDINÁRIO NA HISTÓRIA POR MEIO DAS PRÁTICAS

Para Cardoso (1997), não existe uma história global, única e, sim várias histórias que passam por um processo de ressignificação, por meio do conhecimento, possibilitando novas interpretações. A partir dos relatos, da narrativa do espaço, como vimos no tópico anterior, há várias histórias e interpretações que surgem a partir das práticas

de narrar que ressignificam os espaços da área de visitação do Palácio Anchieta.

O primeiro contato dos mediadores com a história oficial do Palácio Anchieta, a partir de sua contratação, acontece no treinamento que eles passam, segundo relato dos próprios mediadores, trata-se de leitura de material informativo e a participação da mediação com um mediador mais antigo ou com a coordenadora do espaço, como se observa na Figura 9.

Figura 9 - Treinamento de mediadores



Fonte: fotografado pela autora

Conforme relato dos mediadores, durante o treinamento eles participaram da visitação e durou quase três horas, foram passados ponto a ponto de cada item das salas de visitação, informações como datas, tipo de material dos artefatos e funcionalidade a

sua época. Outro ponto que foi destacado, segundo os mediadores, é que cada um pode focar nos itens que tem maior identificação e não devem emitir opiniões pessoais. Neste momento temos a história institucional, história oficial, sendo repassada aos praticantes, no caso da área de visitação do Palácio Anchieta, por se tratar de uma organização cultural mantida pelo governo estadual, a história institucional confronta-se com a forma que a História política e social do estado deve ser transmitida, lembrando a “velha História”, positivista, dando voz aos vencedores.

Entretanto, na prática cotidiana o que observamos é uma reapropriação da “história oficial” pelos mediadores e visitantes a partir das práticas de narrar e ressignificação dos espaços. A história como fato passado não pode ser vivida, mas pode ser reproduzida a partir do discurso (Certeau, 1982), sendo reconstruídas por meio das práticas de narrar, como ocorre quando os visitantes passam por uma parede original do século XVI, reproduzida na Figura 10, a seguir. Na figura é possível ver os detalhes da construção antiga em pedra, parte original da igreja de São Tiago.

Figura 10 - Parede original do século XVI



Fonte: fotografado pela autora

Durante as mediações a parede original do século XVI, Figura 10, é resgata de formas distintas. Em algumas mediações que acompanhei passamos por ela para observar

como “uma estrutura daquela época era benfeita e ainda estava ali após tanto tempo” (TRECHO DIÁRIO DE CAMPO) e logo seguíamos a diante. Já em outras mediações houve a preocupação em resgatar detalhes da construção, do que era feito, quem fez:

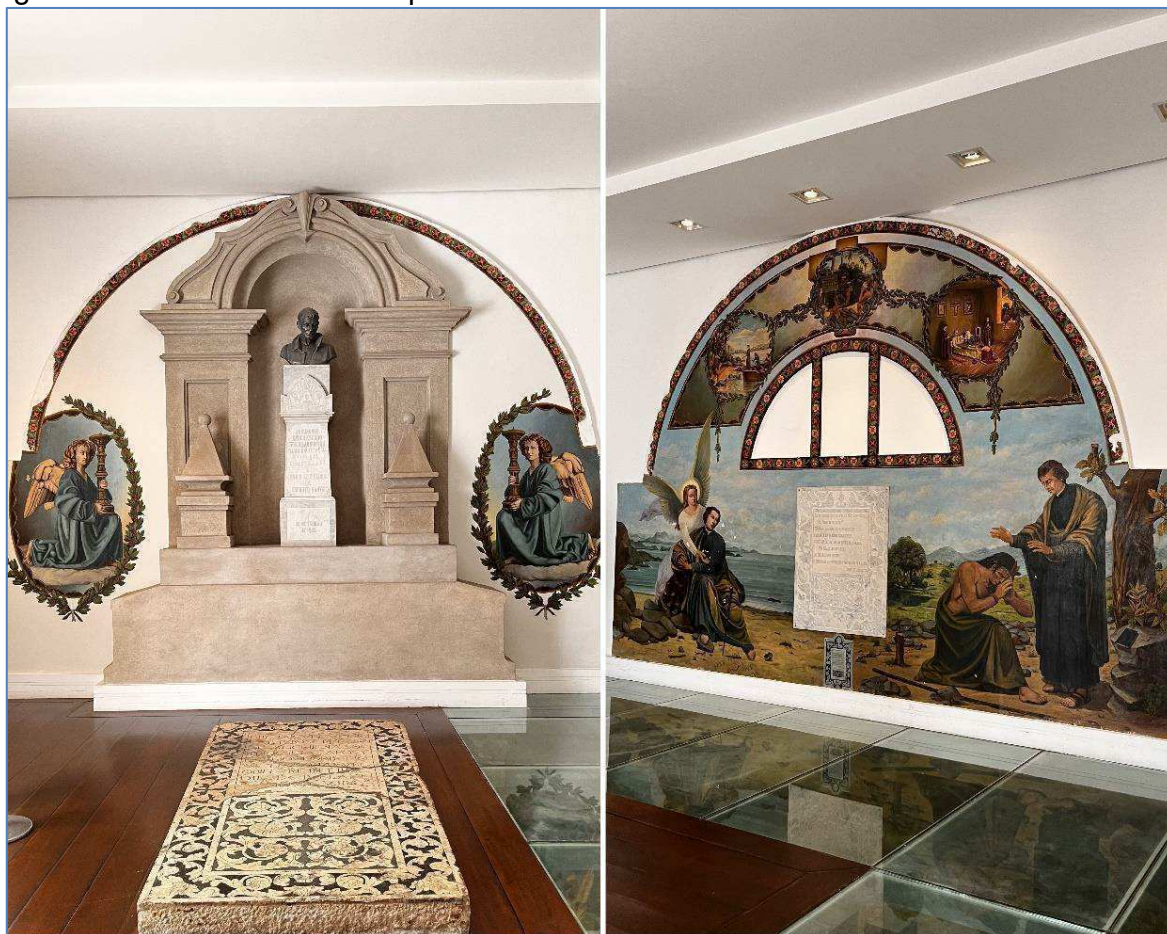
Aqui vocês podem observar o trabalho indígena na construção originária do Palácio [...] é uma técnica de sobreposição de pedras e os indígenas acrescentavam argila e conchas do mar para dar estabilidade [...] por isso, elas estão aí até hoje [...] outro detalhe, as paredes vão ficando mais largas no fundo, para dar maior sustentação a estrutura [...] tudo isso trabalho braçal indígena [...] (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

A cada mediação, na forma como a história oficial é reconstruída pelos mediadores e conforme os visitantes se apropriam dela, há uma colonização distinta do passado (DOWN, 2001). A partir dos dois fragmentos apresentados das visitas nós temos o mesmo artefato – a parede da Figura 10 – contando duas histórias, colonizando o passado de forma distinta. Esses relatos dos mediadores são bricolagens (Certeau, 1998), que surgem a partir da leitura original da história institucional do Palácio, as estratégias, que ganham novos nuances a partir das táticas, nas práticas cotidianas.

Outro ponto da visita, de grande destaque, que também é ressignificado de forma distinta pelos mediadores é o Túmulo simbólico do padre José de Anchieta (Figura 11). Ao chegarem com o grupo nesse ponto os mediadores narram sobre a trajetória do padre no ES e como ele foi importante na catequização dos indígenas. Explicam também que ali foi o altar-mor da antiga igreja de São Tiago, local de sepultamento do padre até 1609, quando as igrejas da Bahia e de São Paulo reclamaram parte da ossada de José de Anchieta.



Figura 11 - Túmulo simbólico padre José de Anchieta



Fonte: Fotografado pela autora

As pinturas e esculturas do túmulo simbólico do padre são do século XX, mas parte da base original da igreja podem ser vistas sob o chão de vidro. Podemos destacar nas imagens do túmulo como o padre é retratado com aspecto forte e o indígena curvando-se a ele, essa imagem nos remete à “velha História”, a História positivista, que coloca os eclesiásticos, nesse exemplo, como figura de destaque, como o grande herói catequizador. Durante as visitas pude observar duas formas distintas de ressignificar este espaço pelos mediadores, conforme seguem os trechos de duas mediações distintas:

[...] essas imagens aqui [túmulo simbólico do padre] são do século XX e retratam três grandes momentos da vida do padre José de Anchieta: sua chegada ao Brasil e seu primeiro contato com os indígenas; a catequização dos indígenas; e seus últimos anos de vida em Reritiba, atual cidade de Anchieta (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

[...] aqui é o tumulo simbólico do padre José de Anchieta, observem como o padre é retrato saudável, forte e o indígena resignado [...] primeiro que o padre não tinha uma saúde muita boa e era de estatura pequena e bem fraquinho [...] E vocês acreditam que os indígenas aceitaram numa boa a catequização? Claro que nada era assim [...] (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Nos trechos destacados acima, podemos observar que a prática de narrar, novamente, nos faz vivenciar um mesmo lugar de forma distinta. As práticas, assim como evidencia Schatzki (2001b), são incorporadas pelo compartilhamento de conhecimento. O conhecimento compartilhado entre mediadores e visitantes por meio das práticas de narrar, transformam espaços e produzem novas histórias.

O primeiro trecho nos revela a história oficial, alinhada a história e as práticas institucionalizadas. Já o segundo trecho, nos convida a analisar a história de forma crítica, nos convida a ressignificar o espaço pelo olhar do ordinário, trazendo o destaque para o homem, os esquecidos.

O resgate do ordinário, do homem comum, sem voz, é retrato a cada relato das visitas, contrastando com a história oficial. Os mediadores não reinventam a história oficial, eles se apropriam de elementos da prática para dar voz aos anônimos, são alguns momentos de “fuga” da história oficial, são pequenos comentários, algumas vezes em tom de brincadeira, dependendo do grupo, que reconstrói a história oficial a partir do olhar dos esquecidos. Para Certeau (1998), esses relatos, formas de bricolagem, articulam-se por lacunas, produzindo no espaço estruturado efeitos de dissimulação e fuga, que nos leva a outras paisagens. Outro exemplo dessa bricolagem que nos leva a outras paisagens. Outro exemplo dessa bricolagem fica evidente quando os mediadores chegam com o grupo em uma sala que apresenta em sua parede as fotos dos ex-governadores do estado, apresentado na Figura 12, a seguir.

Figura 12 - Galeria de Ex-Governadores



Fonte: fotografado pela autora

A sala da Figura 12 é intitulada “Galeria de Ex-Governadores” nela há uma parede com a foto dos ex-governadores do ES e durante a visitação cada mediador dá atenção a uma parte diferente e repassa por alguns deles. Na maioria das visitas que participei os mediadores falam sobre o grau de parentesco entre eles, as linhas de sucessões e como a política no ES permanece entre as mesmas famílias.

Entretanto, um mediador que fez esse percurso contou de forma descontraída sobre esse parentesco entre eles e mudou o foco para um ex-governador específico, Albuíno Cunha de Azeredo, como segue:

[...] Albuíno foi governador do estado de 1991 a 1994, foi o primeiro governador negro do Sudeste e único até o momento do ES [...] muita gente critica o governo dele, mas não pensam como foi difícil para um negro em 1991 governar com uma bancada branca [...] esse feito trouxe Mandela ao ES [...] (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Aqui o mediador nos leva ao seu não-lugar, ele se apropria da estratégia, percorrendo o mesmo trajeto que os demais mediadores e se aproveita de uma brecha, com um pequeno golpe, a partir da tática de narrar, para ressignificar a história do ordinário, daquele que foi esquecido, quem ele chamou de “governador negro”. Esse não-lugar nos leva a uma nova história, que nos permite compreender os fenômenos sociais a partir de uma nova lente, a partir do homem comum que se aproveita de pequenas

rupturas no contexto das micro práticas cotidianas (Certeau, 1998), apropriando-se das práticas existentes para constituir novas.

Esse não-lugar ao qual o mediador nos conduz, nos instiga a repensar nossas estruturas sociais do presente, a partir de um novo olhar do passado. A forma como o espaço foi ressignificado a partir das práticas de narrar do mediador nos leva a uma criticidade sobre a nossa estrutura social dominante e como ela permanece ao longo dos séculos.

Ao adentrarmos neste espaço, conduzido pela fala do narrador, podemos compreender a trajetória histórica da questão racial no Brasil. É perceptível que a população negra é alvo de racismo estrutural, manifestado muitas vezes de forma velada, mas que são visíveis nas desigualdades sociais e subrepresentatividade negra em espaços de poder (MACHADO et al., 2021). Outro exemplo dessa movimentação dos mediadores no organizar das práticas levando à produção das histórias da área de visitação do Palácio Anchieta ocorre quando eles direcionam os visitantes para área externa do Palácio Anchieta, conforme se observa na Figura 13, a seguir.

Figura 13 - Área externa segundo piso



Fonte: fotografado pela autora

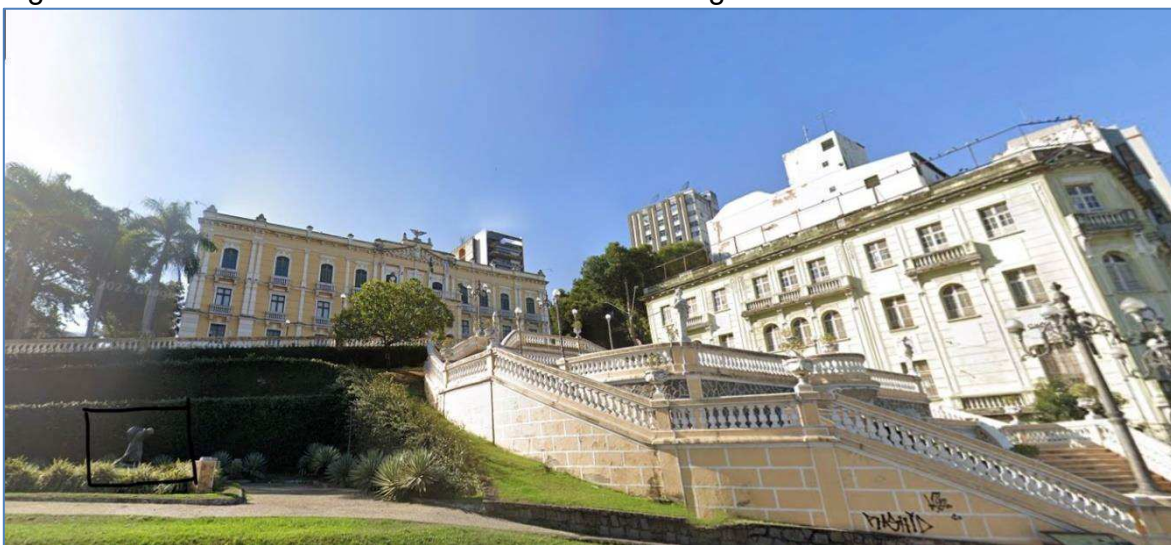
A área externa do segundo piso nos leva ao não-lugar, dos esquecidos, do ordinário a partir da história da Dona Domingas. Trata-se de uma área aberta onde é possível ver o Porto de Vitória, parte das escadarias e dos jardins em frente ao Palácio. A partir dessa vista os mediadores nos convidaram a apreciar a vista e destacar a estátua de Dona Domingas:

[...] nesse espaço podemos ver o Porto de Vitória, do outro lado temos a cidade de Vila Velha [...] agora observem, tentem ver, a estátua de Dona Domingas, fica a direita olhando daqui, bem escondida, a parte da frente do

Palácio, passa quase que despercebida [...] Dona Domingas era escrava liberta que catava papelão pela cidade [...] isso retrata bem como o povo é esquecido, de frente, nas escadarias do Palácio vocês podem notar outras estátuas que não nos representam [...] representam a Europa [...] a da Dona Domingas nem nome tem, quem passa nem sabe quem é [...] (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Ao olharmos de frente para o Palácio (Figura 14), na entrada das escadarias, a estátua de Dona Domingas fica bem a parte do Palácio, esquecida. Sua biografia é pouco conhecida, algumas fontes a retratam como catadora de papelão e outras como lavadeira, o que todas têm em comum é sua condição de escrava liberta.

Figura 14 - Frente Palácio Anchieta / Dona Domingas



Fonte: Google Maps

Tive contato com essa produção da história envolvendo Dona Domingas em duas oportunidades distintas, nas duas ficou evidente a falta de representatividade da mulher comum, da ordinária na história oficial, institucional do Palácio Anchieta, o destaque é pelo olhar do colonizador. Desta forma, são as bricolagens que nos levam à história dos esquecidos, é um “relato bricolado com elementos tirados de lugares-comuns, que nos leva a uma história alusiva e fragmentária, cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simboliza” (Certeau, 1998, p. 182). Os mediadores nos conduzem a história dos esquecidos, com pequenos golpes na história oficial do Palácio Anchieta, dando voz ao ordinário que foi deixado de lado pela história e que pelas permanências da nossa estrutura social.

O conjunto dos discursos aqui analisados nos quais, por meio desse processo de bricolagem, os mediadores e suas narrativas se envolvem nas relações inseridas no organizar das práticas levando à produção das histórias da área de visitação. Eles não

produzem essas histórias sozinhos, fazem parte de um conjunto de elementos e dinâmicas, como a estátua de Dona Domingas, a imagem do Padre José de Anchieta e o índio, o visitante que se irritou e questionou o mediador com falas que reproduziam posicionamentos políticos eleitorais ou a visitante que concordou com o posicionamento dele. É do conjunto dessas interações que temos a produção do organizar das práticas levando à produção das múltiplas histórias da área de visitação do Palácio Anchieta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como o organizar das práticas na área de visitação do Palácio Anchieta produzem histórias, a partir das práticas dos mediadores e visitantes, sob uma perspectiva das práticas cotidianas de Michel de Certeau e também da concepção de espaço do autor em convergência com alguns pontos da teoria espacial de Henri Lefebvre.

Para além das divergências entre os autores, Certeau e Lefebvre, nesta pesquisa identifiquei que as proposições de espaço de ambos se mostraram complementares para compreensão do espaço no Palácio Anchieta, pois Lefebvre analisa o espaço a partir das relações sociais fruto das interações e Certeau concebe o espaço como um lugar praticado, produzido a partir das práticas cotidianas nele estabelecido. Esse ponto de convergência permitiu compreender que o espaço da área de visitação do Palácio Anchieta é ressignificado, constantemente, a partir das práticas cotidianas e das interações sociais estabelecidas entre mediadores e visitantes.

Porém, há de se destacar uma implicação relevante de divergência entre a abordagem espacial dos autores que ficou evidente durante a análise dos dados. Lefebvre (1991) dá um enfoque maior nas macroestruturas de poder, enquanto Certeau (1998) dá ênfase aos micromovimentos. A partir dessa leitura, Lefebvre aborda que o sujeito está destinado à alienação nas dominações ao qual está submetido nas relações sociais no cotidiano, enquanto Certeau aborda o homem comum transgredindo essas relações de poder estabelecidas por meio das táticas, ao subverter, no cotidiano, as práticas estabelecidas, mas sem romper com elas nem com o cotidiano, há uma convivência, uma bricolagem entre elementos do lugar de poder estabelecido e elementos da transgressão desse lugar.

No Palácio Anchieta, em parte por também ser sede do governo do estado e também por abrigar um espaço aberto à visitação, com uma história e práticas institucionalizadas, podemos observar uma macroestrutura de poder que estabelece uma relação de dominação, a partir da história institucionalizada, da história dos vencedores em detrimento a dos esquecidos. No entanto, o que observamos não é a alienação e submissão dos praticantes, mas sim a subversão das práticas cotidianas pelos mediadores, a partir de pequenos golpes na ordem estabelecida produzindo

novas práticas, ressignificando os espaços e produzindo novas histórias a partir do ordinário.

A pesquisa possibilitou compreender como as práticas cotidianas são produzidas de forma reflexiva ao ressignificar os espaços. Foi possível identificar como os praticantes se apropriam das estratégias, por meio de pequenas rupturas no cotidiano, para recriar as histórias, e dão novos significados aos espaços da instituição. As práticas de narrar são utilizadas pelos mediadores para ressignificar os espaços a cada brecha da mediação, dentro de micromovimentos, com pequenas rupturas na ordem estabelecida, recriando histórias e resgatando o homem comum, os esquecidos da história oficial.

Observamos com este estudo que as rupturas do cotidiano, a partir das bricolagens de relatos, levam aos participantes a um não-lugar, trazendo reflexões das estruturas sociais dominantes e de suas permanências ao longo dos séculos. A área de visitação do Palácio Anchieta, a partir dessas rupturas, torna-se um espaço político por meio da intera o entre mediadores e visitantes.

Essas rupturas no cotidiano indicam uma forma de resistência, uma prática organizacional em um “fazer política” por meio da prática de narrar, como por exemplo, a apropria o do passado para resgatar problemas atuais da nossa estrutura social, quando os mediadores abordam questões raciais a partir de um ex-governador ou de um termo corriqueiro que tem origem preconceituosa. Essa nova prática organizacional nos leva a um não-lugar, um novo espaço que coexiste com o espaço institucionalizado, assim como ressalta Certeau (1998), a maneira de se utilizar os sistemas impostos constitui uma resistência.

A compreensão do espaço organizacional da área de visita o do Palácio Anchieta e das práticas cotidianas, permitiu entender que o entrecruzamento do espaço cultural com a área sede do governo trazem elementos supostamente triviais, mas ativamente resgatados pelos visitantes, para a media o cultural. Como, por exemplo, a sobreposi o de espaços que ocorreu na sala destinada ao trabalho do governador, onde os mediadores resgatam o passado do local, por meio da história da arquitetura e de seus usos passados, porém o contemporâneo permeia o imaginário e a



curiosidade dos visitantes, que deslocam o foco da visita para a desorganização da mesa e a forma do governador utilizar o espaço.

Cabe salientar que os estudos a partir do cotidiano, analisando as práticas de mediadores e visitantes, nos permitem compreender fenômenos sociais mais abrangentes, tendo como ponto de partida a história dos esquecidos, do ordinário, assim como destaca Certeau (1982), abrindo espaço para múltiplas histórias – a partir da resignificação espacial – que passam a ser protagonizadas pelo homem comum ao invés dos “grandes homens”. Assim como destacam Clark e Rowlinson (2004), o uso da História no campo dos Estudos Organizacionais – a partir da história dos esquecidos – nos conduz a uma nova abordagem do passado, evidenciando sua importância na reconstrução do espaço organizacional e na problematização de seus fenômenos.

Além disso, foi possível identificar que, a partir das interações, da apropriação de práticas temporárias pelos visitantes, ocorria uma desconstrução e reelaboração de um novo conhecimento, compartilhado por meio das práticas de narrar dos mediadores. Dessa forma, observamos no Palácio Anchieta, assim como destacado por Certeau (1998) e Schatzki (2001b), a transformação do espaço a partir das práticas de relatos que resignificam crenças e compartilham conhecimento.

Posto isto, esta pesquisa contribui ao oferecer uma leitura do espaço organizacional a partir da interdisciplinaridade do campo de Estudos Organizacionais e da História, a partir da percepção do cotidiano dos praticantes da organização. Ela demonstra como a teoria das práticas permite compreender a resignificação dos espaços e a produção de histórias a partir do cotidiano organizacional.

Podemos perceber a resignificação dos espaços pela forma como os mediadores fazem uso do passado, por meio da história institucional e dos artefatos expostos, para abordar temas atuais, como, por exemplo, a discriminação racial estrutural e o resgate dos povos originários (indígenas) como ponto central nas histórias narradas na visita. Os praticantes, sem romper com o cotidiano, trazem novas abordagens, a partir da subversão, de pequenos “golpes” na história oficial, evidenciando também as disputas entre a história oficial que a instituição Palácio Anchieta deseja transmitir aos visitantes e a história que é narrada pelos mediadores durante a visita, no cotidiano organizacional. Esta pesquisa, diferente de outros trabalhos, também revelou

manifestações político eleitorais que foram evidenciadas a partir das interações entre mediadores e visitantes, abordando um não-lugar a partir da hostilidade de visitantes quando mediadores abordavam temas como discriminação racial que se perpetuam ao longo da história e estão presentes na visitação do Palácio Anchieta, por meio dos artefatos expostos e também na História do Espírito Santo que se entrelaça com a do Palácio Anchieta.

Refletindo sobre futuras pesquisas, acredito que seria importante, compreender como as práticas cotidianas são ressignificadas pelos mediadores a partir da sua formação acadêmica e de suas experiências individuais. Outra possibilidade que emerge são as questões políticas que envolvem o espaço de visitação, como elas são reconstruídas no cotidiano organizacional e suas implicações para os praticantes e para a organização.

## 7 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. L. Certeau, Organizing e samurais: analisando o organizar do RPG. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Anais... Recife (PE) UFPE, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Amon; CARRIERI, Alexandre de Pádua. O cotidiano e a História: Construindo Novos Olhares na Administração. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 151-161, abr. 2015.
- BARROS, J. D. A escola dos Annales: considerações sobre a história do movimento. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-29, jul./dez. 2010.
- BAUER, Caroline S.; OLIVEIRA, Simone D. **Introdução aos estudos históricos**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
- BERNARDI, Áurea Lígia Miranda. **Palácio Anchieta: o restauro de uma imagem**. Vitória: Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira, 2012.
- BEST, K.; HINDMARSH, J. Embodied spatial practices and everyday organization: The work of tour guides and their audiences. **Human Relations**, v. 72, n. 2, p. 248–271, 2019.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: Prospects. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 5–30, fev. 2006.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CAMARA JUNIOR, Jose. A feitura do conhecimento histórico a partir do diálogo entre Michel de Certeau e Walter Benjamin: a invenção do cotidiano e a experiência em questão. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **História, Memória e Historiografia**. Coleção História e Historiografia, v. 3. Sobral-CE: Editora Sertão Cult, 2020. p. 255-264.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. "História e paradigmas rivais" in CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAVEDON, Neusa Rolita. **Antropologia para Administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHANLAT, J.-F. O ser humano, um ser espaço-temporal. In: CHANLAT, J.-F. (Org.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. V. 3. São Paulo: Atlas, 2009.
- CLARK, P.; ROWLINSON, M. The Treatment of History in Organisation Studies: Towards an "Historic Turn"? **Business History**, v. 46, n. 3, p. 331–352, jul. 2004.
- CORAIOLA, M. D. et. al. História, memória e passado em estudos organizacionais e de gestão. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 1–9, 2021.
- CORSINI, Filippo; LAURENTI, Rafael; MEINHERZ, Franziska; APPIO, Francesco; MORA, Luca. The Advent of Practice Theories in Research on Sustainable Consumption: past, current and future directions of the field. **Sustainability**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 341, 11 jan. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/su11020341>.
- CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management Learning**, v. 41, n. 3, p. 265–283, 2010.
- CORREIA, G. F. A.; CARRIERI, A. P. O Cotidiano de Negócios Familiares em Matozinhos/MG. **Revista Economia & Gestão**, v. 19, n. 52, p. 101-117, 2019.
- COSTA, A. DE S. M. DA; SILVA, M. A. DE C. A Pesquisa Histórica em Administração: uma Proposta para Práticas de Pesquisa. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 90–121, 2 jan. 2019.
- COSTA, A. de S. M.; WANDERLEY, S. E. de P. V. Passado, presente e futuro de história (crítica) das organizações no Brasil. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 1–8, 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DERENZI, Luiz Serafim. **História do Palácio Anchieta**. Vitória, ES: Secretaria de Educação e Cultura, 1971. 77 p.

DOMINGUES, F. F.; FANTINEL, L. D.; FIGUEIREDO, M. D. DE. Between the conceived and the lived, the practiced: the crossing of spaces at the arts and crafts fair of Namorados Square in Vitória/ES, Brazil. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 88, p. 28–49, mar. 2019.

DOWN, S. Knowledge Sharing Review the Use of History in Business and Management, and Some Implications for Management Learning. **Management Learning**, v. 32, n. 3, p. 393–410, set. 2001.

DUARTE, M. F., ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. **O&S**, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei nº 2.947, 16 de dezembro de 1974**. Vitória, 1974. Disponível em: <  
<https://secult.es.gov.br/Media/Secult/001/Lei%202.947.1974%20de%20Tombamento.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R. A cultura organizacional do restaurante Chale da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1, p. 6-37, 2010.

FERNANDES, T. A.; MACHADO, F. C. L.; SILVA, N. B. P. Metodologia e Prática: Contribuições da Observação Participante para os Estudos Certeunianos. In: IX Seminário De Gestão Organizacional Contemporânea, 9., 2016, Vitória. **Anais...** Vitória: SEGOC, 2016.

FIGUEIREDO, M.D. Uma Agenda de Pesquisa para o Estudo das Práticas Culturais Tradicionais nos Estudos Organizacionais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 5, n. 2, p. 33-49, 2016.

FLORES-PEREIRA, M. T.; CAVEDON, N. R. Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 152-168, 2009.

FONTANA, A.; FREY, J. H. The interview: From Neutral Stance to Political Involvement. IN: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária; 2007.

FRANCO, B. L.; OLIVEIRA J. As Práticas de Constituição dos Espaços Organizacionais e dos Espaços das Cidades: Contribuições de Michel de Certeau aos Estudos Organizacionais. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: IV CBEO, 2016.

GAMALHO, N. P. Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas: reflexões a partir da articulação entre as concepções teóricas de Henri Lefebvre e Michel de Certeau. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 6, p. 36, 10 dez. 2016.

GEERTZ, Clifford. “Desde el punto de vista del nativo”: sobre la naturaleza del conocimiento antropológico. In: **Conocimiento local**. Ensayos sobre la interpretación de las culturas. Barcelona: Paidós, 1994.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the “practice lens”. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009a.

GHERARDI, S. Practice? It’s a Matter of Taste! **Management Learning**, v. 40, n.5, p. 535-550, 2009b.

GHERARDI, S. **Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODOY, A. Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOVERNO ES - Palácio Anchieta. c2023. Disponível em: <<https://www.es.gov.br/governo/palacio-anchieta>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GOVERNO ES - Organograma. c2023. Disponível em: <<https://organograma.es.gov.br/Organograma/f170d878-03d2-45d5-83f6-ae6ac67f37fb>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GUARINELLO, Noberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

GUARNIERI, Fernanda; VIEIRA, Francisco Giovanni David. Reinventando o Cotidiano: Análise de Práticas de Consumo Sob a Ótica de Certeau. **Revista de Administração de Empresas**. v. 60, n. 5, p. 311-321, out. 2020.

HONORATO, B. E. F.; VIEGAS, G. C. F. S. (2020). Espaço organizacional e poder: uma análise das tentativas de ordenamento do tráfego e das subversões em uma Instituição Federal de Ensino Superior. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 7, n.19, p. 589-621, 2020.

IPIRANGA, Ana Silvia Rocha. Práticas Culturais de Espaços Urbanos e o Organizar Estético: Uma Proposta de Estudo. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. v. 5, n. 2, p. 105-123, 2016.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S. O Organizar da Estética Espacial: Uma História Tátil da Praça dos Leões. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 12, n. 1, 17 mar. 2017.

JORGENSEN, D. **Participant observation: A methodology for human studies**. Newbury Park, CA: Sage, 1989.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**, Vol. 142. Oxford: Blackwell, 1991.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS: Revista de Ciências Sociais**. V.53, n. 3, p.737-756, 2010.

MACHADO, F. C. L.; FERNANDES, T. A.; SILVA, A. R. L. Michel de Certeau e estudos organizacionais: uma leitura do cenário brasileiro. **Caderno de Administração**, v. 25, n. 2, p. 24-43, 2017.

MACHADO, F.C.L.; FERNANDES, T.A.; SILVA, A.R.L. A produção do Espaço em Sala de Aula: O Cotidiano de Apropriações de docentes em uma Pós-Graduação em Administração. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 4, 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: IV CBEO, 2016.

MACHADO, P. S. X. et al. “UM PINGO DE FEIJÃO EM UMA PANELA DE ARROZ”: RACISMO, TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DE MULHERES NEGRAS NO PODER JUDICIÁRIO. **Revista Economia & Gestão**, v. 21, n. 59, p. 90–109, 30 set. 2021.

MAGALHÃES, T.G.; SANTOS, G. L. Etnografia e Estudos Organizacionais: Análise da Produção Científica Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3. n. 2, p. 145-170, 2016.

MARIETTO, M. L; SANCHES, C. Estratégia como prática: um estudo das práticas da ação estratégica no cluster de lojas comerciais da rua das noivas em São Paulo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v.7, n.3, p.38- 58, 2013.

MARTINUZZO, José Antônio. **Palácio Anchieta**: patrimônio capixaba. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009.

MAYOL, P. Primeira Parte: Morar. In CERTEAU, M., GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. p.37-207. 10ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, cap. 1, p. 9-29.

MIRANDA JUNIOR, Robson Freitas de. A história como “logos do outro”: Michel de Certeau e a operação historiográfica. **Temporalidades – Revista de História**, Belo Horizonte, v. 11, p. 98-122, 2019.

MUTCH, A. Practice, Substance, and History: Reframing Institutional Logics. **Academy of Management Review**, v. 43, n. 2, p. 242–258, abr. 2018.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. **Knowing in organizations**: a practice-based approach. Nova York: M. E. Sharpe, 2003.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, p. 156-168, 2013.

OLIVEIRA, T. Z. G.; PEREIRA, R. D.; CARRIERI, A. P.; CORREIA, G. F. A. Memórias em Movimento: Histórias da Casa Tina Martins no Combate à Violência de Gênero. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 4, p. 1-16, 2021.

ORLIKOWSKI, W. J. Engaging Practice in Research: Phenomenon, Perspective, and Philosophy. In GOLSORKHI D. et al. (eds.) **The Cambridge Handbook on Strategy as Practice**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 23-43, 2010.



PIMENTEL, R.; NOGUEIRA, E. E. S. Estudos Baseados na Prática: Possibilidades Metodológicas para Pesquisas em Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 86, p. 350-370, 2018.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243–263, 2002.

ROPO, A.; HÖYKINPURO, R. Narrating organizational spaces. **Journal of Organizational Change Management**, v. 30, n. 3, p. 357–366, 2017.

ROWLINSON, M.; HASSARD, J.; DECKER, S. Research Strategies for Organizational History: A Dialogue Between Historical Theory and Organization Theory. **Academy of Management Review**, v. 39, n. 3, p. 250–274, jul. 2014.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Enap: Brasília, 2021.

SCHATZKI, T. R. Introduction: Practice Theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (eds) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London and New York: Routledge, p. 10-23, 2001a.

SCHATZKI, T. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (eds) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London and New York: Routledge, p. 50-63, 2001b.

SCHATZKI, T. R. The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-484, 2005.

SCHWARTZ, E.; ELSEN, I. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: UMA METODOLOGIA PARA CONHECER O VIVER, O ADOECER E O CUIDAR DAS FAMÍLIAS RURAIS. **Família Saúde e Desenvolvimento**, v. 5, n. 1, 2003.

SILVA, A. R. L.; FANTINEL, L. D. Dilemas e implicações do uso da observação enquanto técnica em detrimento da etnografia. In: XXXVIII Encontro da ANPAD, 38, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

VIZEU, Fabio. Potencialidades da análise histórica nos Estudos Organizacionais brasileiros. **RAE: Revista de Administração de Empresas**. v. 50. n. 1. p. 37-47, 2010.

WEATHERBEE, T. G. et al. Theorizing the Past: Critical engagements. **Management & Organizational History**, v. 7, n. 3, p. 193–202, ago. 2012.

WEINFURTNER, T.; SEIDL, D. Towards a spatial perspective: An integrative review of research on organisational space. **Scandinavian Journal of Management**. Volume 35, Issue 2, June 2019.

WILSON, J. F.; TILBA, A. Business history and the “practical turn”. **Management & Organizational History**, p. 1–8, 26 fev. 2023.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGADM-UFES, intitulada “O Organizar das Práticas e a Produção das Histórias da Área de Visitação do Palácio Anchieta.” que tem como objetivo compreender as práticas na área de visitação do Palácio Anchieta por meio das relações estabelecidas entre mediadores e visitantes e a partir destas práticas identificar a reconstrução das histórias do espaço.

A pesquisa está sendo realizada pela discente do PPGADM-UFES, **Tatiane dos Santos Carlini**, matrícula nº 2020130626 sob a supervisão e orientação do professor **Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva**. Para alcançar os objetivos do estudo a pesquisadora irá participar do cotidiano das visitas e das interações realizadas entre mediadores e visitantes na área de visitação do Palácio Anchieta. Os dados de identificação serão confidenciais e os nomes preservados.

O participante da pesquisa contribuirá para o aprimoramento e expansão do campo pesquisa que une Estudos Organizacionais e História.

Para participar da pesquisa é necessário que o candidato a participante esteja de acordo com este termo e tenha suas dúvidas sanadas sobre todos os aspectos pertinentes a pesquisa que lhe interessem e devam ser explicitados seguindo o rigor da legislação.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo pesquisador principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução nº466/2012).

Eu, \_\_\_\_\_ recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo. Declaro que também fui informado:

- ✓ Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa;
- ✓ De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar meu

consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal;

✓ Da garantia que não serei identificado quanto a divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;

✓ Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido. Em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com a pesquisadora Tatiane dos Santos Carlini - contato telefônico: (27) 99529-8372 – e-mail: carlintati@gmail.com.

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (02 vias), ficando outra via com o pesquisador.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura da Pesquisadora

Vitória-ES, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.